



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“JÁ QUE É PRA TOMBAR”:
A CRISE DE IMAGEM DA RAPPER KAROL CONKÁ APÓS O
BBB21**

MAYRA BRAGANÇA ALVES

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**“JÁ QUE É PRA TOMBAR”:
A CRISE DE IMAGEM DA RAPPER KAROL CONKÁ APÓS O
BBB21**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

MAYRA BRAGANÇA ALVES

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gabriela Nóra Pacheco Latini

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A474? Alves, Mayra Bragança
"Já que é pra tombar": a crise de imagem da rapper
Karol Conká após o BBB21 / Mayra Bragança Alves. --
Rio de Janeiro, 2022.
68 f.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

1. Karol Conká. 2. cancelamento. 3. gestão
de crise. 4. feminismo. 5. racismo. I. Latini,
Gabriela Nóra Pacheco, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **“Já que é pra tombar”**: a crise de imagem da rapper Karol Conká após o BBB21, elaborada por Mayra Bragança Alves.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação e Cultura – ECO/UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – DEL/ECO UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Tatiane Cruz Leal Costa
Doutora em Comunicação e Cultura – ECO/UFRJ
Fundamentos da Comunicação – ECO/UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Pâmela Guimarães da Silva
Doutora em Comunicação Social – UFMG
Departamento de Métodos e Áreas Conexas – ECO/UFRJ

Rio de Janeiro

2022

Para todos que, mesmo com medo, tentaram realizar seus sonhos. Dedico esse trabalho à minha família e amigos que foram a minha base nesses momentos difíceis. Eu não teria conseguido chegar aqui sem vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de qualquer coisa, a Deus e aos Orixás e Guias que me seguraram em momentos de dificuldade. Emendar uma faculdade na outra não foi fácil, foram várias emoções, ainda mais em uma pandemia, mas chegamos até aqui. Obrigada à vida!

Quero agradecer a minha mãe, Mônica, que não me deixou desistir e foi o meu maior apoio nesse tempo todo. Se você não fosse meu alicerce, não sei o que seria de mim. Te amo! Deixo meu muito obrigada extremamente saudosos à minha avó Thelma, que com certeza é um dos motivos de eu estar concluindo mais um curso de ensino superior. Você foi e ainda é a minha inspiração. Essas duas mulheres me deram tudo para que eu me tornasse quem sou hoje. Esse outro diploma também é de vocês!

Mas família não é só de sangue e meu padrasto Greg é a prova viva disso. Obrigada por todo o carinho e encorajamento. Tem um pedaço bem grande da sua participação na finalização disso tudo. Levando isso em conta, eu não poderia deixar de agradecer ao meu namorado William. Passamos por muito e sua ajuda sempre foi recheada de amor e eu sei que estar com você fez com que a barra ficasse um pouco mais fácil de carregar.

Um enorme obrigada à minha orientadora Gabriela que me aceitou sem nem me conhecer. Eu me senti muito acolhida e você, com certeza, fez com que eu me orgulhasse dessa produção. Aprendi demais e vou levar pra vida!

Aos meus amigos que me ajudaram tanto nesses quatro anos, saibam que a mamata não vai acabar nunca! Amo vocês e agradeço por tudo. Agradeço, também, aos outros amigos feitos ao longo da vida e destaco o apoio de Leili, Mari, Fabi, Lola, Gustavo e todo o Akbar e as Cumadres. Estamos juntos pro que der e vier.

Aos que torceram por minha vitória e que, de alguma forma, me apoiaram durante o caminho. Espero ter deixado um pedaço meu em cada um de vocês, da mesma forma que deixaram um pouco de vocês comigo.

*“Extra, extra! Logo, logo o show começa
Melhor do que a subida, só mesmo assistir a
queda” (Gloria Groove)*

ALVES, Mayra Bragança. "**Já que é pra tombar**": a crise de imagem da rapper Karol Conká após o BBB21. Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se propõe a analisar a figura da rapper curitibana Karol Conká e a compreender a crise de imagem vivida após sua polêmica participação na vigésima primeira edição do *Big Brother* Brasil da Rede Globo. Para tal, discutiremos o racismo e o machismo estruturais presentes na sociedade como um todo e dentro de uma área musical comandada primordialmente por homens, o Rap. Além disso, trataremos da construção de sua figura artística e seu espaço de poder, da criação de sua imagem e reputação. A partir deste ponto, poderemos compreender melhor a passagem da cantora pelo programa global, assim como a forma que a crise iniciada a partir dela e o conseqüente cancelamento nas redes sociais foram gerenciados, pela ótica dos ensinamentos da assessoria de imprensa.

Palavras-chave: Karol Conká; cancelamento; gestão de crise; feminismo; racismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 “É O PODER, ACEITA PORQUE DÓI MENOS”	14
2.1 Afrontando o machismo e o racismo nos espaços midiáticos	14
2.2 A figura da mulher no Rap brasileiro: de Karoline à Karol Conká.....	19
3 “VENHA VER OS DESLIZES QUE EU VOU COMETER”: CULTURA DO CANCELAMENTO E CRISES DE IMAGEM	25
3.1 “Se pudesse escolher. Entre o bem e o mal, ser ou não ser?”	25
3.2 “Sei que ‘cê gosta de ouvir os aplausos, mas gosta muito mais de me ver sangrando”	34
4 A VIDA DEPOIS DO TOMBO E SUAS ESTRATÉGIAS DE ASSESSORIA DE IMPRENSA	42
4.1 “Buscando luz mesmo não tendo sol”	42
4.2 “Só mais um dia de luta. Depois o dilúvio”	48
5 CONCLUSÃO	58
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
7 APÊNDICE A	63
8 ANEXO A	68

1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração a repercussão que gerou, analisaremos neste trabalho a crise de imagem vivida pela rapper curitibana Karol Conká após sua participação no *Big Brother Brasil* (BBB) de 2021, televisionado pela Rede Globo. Sua trajetória no programa foi marcada por polêmicas que repercutiram dentro e fora da “casa”, que afetaram sua carreira artística e que acarretaram uma crise de imagem.

O texto foi feito com base em um estudo bibliográfico, focando em autores e autoras que trabalhavam os conceitos de racismo, feminismo, cultura do cancelamento, crise de imagem e, por fim, gestão de crise.

Este tema foi escolhido por preferência pessoal pela área de assessoria de imprensa, mas não apenas por isso. Toda a situação tomou uma proporção enorme e o ódio por Karol Conká, durante o BBB, foi comparado, diversas vezes, ao ódio destinado aos políticos. Fazer esse trabalho foi, certamente, uma maneira de entender melhor o que tinha acontecido – para além das redes sociais – e pensar melhor em como funciona o *Big Brother Brasil* e seus desdobramentos.

No entanto, antes mesmo de falar sobre a passagem da artista pelo programa, é imprescindível analisar uma parte de sua carreira, além de ressaltar certos pontos que compõem a figura de Karol Conká como pessoa, além de uma rapper de sucesso. Ela é uma mulher preta dentro de um cenário primordialmente comandado por homens. Para uma melhor compreensão, a monografia foi dividida em três capítulos com seus respectivos subcapítulos.

No segundo capítulo, a partir dos conceitos e ideias que apresenta Djamila Ribeiro (2019, 2021), buscaremos analisar como uma mulher preta é vista pela sociedade e de que maneira as ondas do movimento feminista, tão bem explicadas pelas palavras de BS Franchini (2017), permeiam a realidade dela.

Além dessas questões que abarcam a realidade, também é muito importante analisar de que forma a mídia aborda corpos pretos, ressaltando o apagamento de uma história que foi escrita no Brasil a partir da escravidão. Mulheres e homens pretos acabam tendo papéis mais estereotipados nas produções, colocando-os em participações que não ressaltam o poder que eles podem ter na sociedade. Certamente, em uma tentativa de diminuí-los.

Ainda nesse capítulo, apresentaremos o ritmo Rap, que pode ser entendido como uma ramificação do movimento Hip Hop, com suas rimas e poesias, e que foi levado para os Estados Unidos na década de 1960. Novamente através das ideias de Djamila Ribeiro e acrescentando

a elas os conceitos de Virginie Despentes (2016) sobre um feminismo mais viril, desenharemos a figura de Karol Conká.

A rapper curitibana de 35 anos é uma mulher preta conhecida por diversos hits que a colocaram em uma posição de destaque no cenário do Rap brasileiro. A partir de entrevistas da cantora para diferentes mídias, ao mesmo tempo em que exploramos um pouco do que, de fato, é a sua carreira, conseguiremos entender mais sobre sua figura emblemática.

É de suma importância que percebamos como o poder da imagem de Karol Conká se desenhou a partir de suas músicas, roupas e atitude. Sua carreira, com canções que remetem ao empoderamento de mulheres como ela, e suas oportunidades de apresentação e visibilidade mostram como era ovacionada sua pessoa artística e individual, bem como a maneira como suas ideias eram tidas como relevantes.

O racismo intrínseco em nossa sociedade nos mostra que ter pretos em posições de poder é algo que incomoda e mais: quando esses são os que comentem erros, suas trajetórias serão, muitas vezes, reduzidas aos erros e, por que não, ao ódio da cor de sua pele.

No terceiro capítulo, abordaremos a cultura do cancelamento e a crise de imagem sofrida pela cantora. Detalharemos, também, alguns dos acontecimentos da vigésima primeira edição do BBB e buscaremos compreender como os fatos se desenrolaram. É importante destacar que a ideia não é justificar as atitudes dentro do programa, mas tentar entender o que seria cancelamento e por que Karol Conká se tornou tão odiada nas redes sociais.

Como dito, a cultura do cancelamento é um fenômeno online e sua repercussão acompanha a rapidez das redes sociais e se aproveita de todo o engajamento gerado a partir de uma declaração. Karol começou o programa com a “moral” elevada, tanto dentro da casa entre os participantes, quanto fora – com um público que esperava receber dela o que ouvia em suas músicas. No entanto, suas atitudes com os demais competidores não foram bem aceitas e isso levou ao cancelamento.

O foco desse capítulo é, com certeza, tentar responder ao questionamento: a cultura do cancelamento é mais cruel com pessoas pretas? Para isso, comparamos a situação vivida por Conká com acontecimentos recentes para a época de escrita desta monografia: o *Big Brother Brasil 22*. Nele, tivemos, pelo menos, duas questões que levaram a uma repercussão negativa nas redes sociais.

Como falado a todo momento, o trabalho tem como base analisar o que aconteceu nas mídias, então diversas capturas de tela foram utilizadas. As identidades de muitos autores foram preservadas, mas optamos por mostrar na íntegra as postagens de pessoas famosas ou “verificadas” (uma forma das redes sociais confirmarem para seus usuários que algumas contas

relevantes pertencem, realmente, àquela pessoa) para ajudar a demonstrar a importância de Karol Conká.

O linchamento da rapper não se limitou a sua figura ou participação no programa. Sua família foi atingida com o ódio online e a reputação dela foi abalada. A cantora perdeu contratos, seguidores e ganhou das mídias e, também da edição do programa, a alcunha de vilã do jogo. O BBB, com suas edições de takes para passar ao vivo, colaborava com a novela maniqueísta criada e isso acabou por alimentar às redes. O programa global, em sua busca por entretenimento, leva as pessoas ao extremo e demonstra facetas do indivíduo que nem sempre são aceitas pela sociedade. A máxima “o ódio vende e gera engajamento” nunca foi tão real.

Enquanto ainda estava confinada, suas redes sociais foram bombardeadas por ódio – o que levou sua equipe a limitar os comentários no Instagram, quase na mesma proporção em que seu nome era citado nas mídias.

Quando a rapper foi indicada ao “paredão” o Brasil parou para assistir e vários estabelecimentos se beneficiaram com isso. Foram vistas propagandas e promoções que davam descontos a quem acertasse a porcentagem de saída da participante. Todos queriam surfar em cima do linchamento online e a crise de imagem de Karol Conká só se intensificou.

Crises são bem normais, na verdade, principalmente porque ninguém pode prever o que vai acontecer 24 horas por dia. Além disso, independente das boas relações que a empresa/artista possa ter com os veículos de mídia, nada disso impede uma crise de suceder. A partir da leitura de Forni (2016), fica claro que essa boa relação pode levar a dois cenários: um palco mais aberto para uma gestão de crise positiva ou o distanciamento dos veículos da instituição para que eles mesmos não se “queimem” (ou seja, eles noticiam o importante para a visão pública e dão espaço para a retratação, mas não abrem tanto as portas por não quererem ser vinculados ao problema).

Para compreender melhor, o quarto capítulo foi pensado para analisar o que aconteceu com Karol Conká após sua saída do programa, sempre pela ótica da assessoria de imprensa e do gerenciamento de uma crise de imagem. Com base nos textos de João José Forni (2013, 2016) e Mário Rosa (2001), tentamos explicar o conceito de imagem e reputação, assim como os danos que esses ativos sofreram com a repercussão negativa da internet.

Ter uma estratégia bem elaborada é, então, a única saída das instituições, de acordo com esses autores. O planejamento ajuda a lidar com a situação difícil, em que o emocional das pessoas está abalado e as decisões pensadas naquele momento podem não ser as mais eficazes. A assessoria de imprensa deve ser racional e considerar os cenários de caos antes que eles aconteçam para que no momento em que precisar colocar em prática suas estratégias, consiga

trabalhar da melhor forma. Sem contar que um posicionamento rápido pode ajudar a melhorar a imagem da empresa para o público.

Com o objetivo de complementar a revisão bibliográfica, foi feita uma entrevista fechada por e-mail com a assessora de imprensa atual da rapper Karol Conká, Mônica Charoux. Algumas das perguntas feitas não foram respondidas, pois, de acordo com a profissional, ela assumiu a “conta” da cantora apenas após a saída do programa. No entanto, todas as perguntas pensadas e as respostas oferecidas estarão disponíveis em anexo, ao final da monografia, também como uma forma de olhar para o material além do texto construído.

Chegamos a tentar contato com a assessora Isabel Rezende, que aparece na série documental da GloboPlay que foi ao ar depois que a cantora foi eliminada, “A vida depois do tombo”, mas não tivemos retorno. Por isso, seguimos com apenas uma entrevista que ajudou a compreender um pouco mais as estratégias de gerenciamento que parecem ter sido executadas.

O capítulo também se dedicou a mostrar como essa produção colaborou com a profundidade do debate sobre a artista, além de humanizar a pessoa de Karol, abrindo sua intimidade e mostrando o que aconteceu depois de sua eliminação. Durante a série fica claro o repúdio da cantora sobre suas ações, bem como algumas reuniões de Conká com sua assessoria para definir o que será feito a partir daí. O principal, a todo momento, era equilibrar os fatos com a teoria da assessoria de imprensa.

Claro que falar sobre uma pessoa e uma empresa são situações diferentes, mas a assessoria parece ter apostado no caráter humano da cantora, em que todo mundo erra e que está em constante aprendizado. A série não tenta exatamente justificar as ações da cantora no *reality*, mas dar um pano de fundo para a vida dela. Justamente por ser uma pessoa, o documentário serviu como uma comunicação direta da cantora com o público já que ela acaba sendo atacada por alguns usuários das redes sociais.

Em toda a monografia foram usados diversos sites noticiosos, pois eles foram uma ferramenta para medir como a mídia estava abordando a situação naquela época. Nada mais justo do que falar sobre a imprensa e usar, efetivamente, os meios de comunicação para exemplificar e citar.

A partir da narrativa de Karol Conká no *Big Brother Brasil 21*, toda uma nova história se fez na vida da rapper e suas consequências demandaram atitudes rápidas e precisas para conter uma avalanche de ódio e cancelamento. Tentaremos delimitar, com esse trabalho, as estratégias executadas.

2 “É O PODER, ACEITA PORQUE DÓI MENOS”¹

Debater um acontecimento, seja ele de qual natureza for, sem pensar o histórico por trás, parece ser muito raso e uma forma básica de lidar com ele. Mas, compreender o pano de fundo não significa justificar atitudes ou diminuí-las. Com esse trabalho, busca-se não justificar as atitudes dela, mas procurar entender e refletir sobre, sem juízos de valor que corroborem com a cultura do cancelamento.

Por isso, entender a participação da rapper Karol Conká pelo *Big Brother* Brasil 21 da Rede Globo e a sucessão de situações que levaram à crise de imagem da artista deve ser uma situação mais profunda. Desse modo, se faz necessário debater sobre o machismo e o racismo que perpassam a vida da cantora.

2.1 Afrontando o machismo e o racismo nos espaços midiáticos

Em um país fundado e afundado no racismo como o Brasil, levantar pautas sobre feminismo preto é substancialmente importante. Deixando de lado a falácia que se entende por democracia racial, os espaços da sociedade ainda são pouco ocupados por pessoas pretas e isso se reflete na mídia brasileira e seus desdobramentos.

No presente momento, a realidade das representações pretas é maior do que há dez anos, mas a luta por uma igualdade ou, até mesmo equilíbrio, está longe de acabar. Não é incomum ver estereótipos em produções culturais, ao mesmo tempo em que nomes do movimento batalham por reconhecimento.

É importante considerar que as mulheres pretas são atravessadas por questões não apenas ligadas ao seu gênero, mas também a sua cor de pele. No entanto, ainda assim, se faz necessário entender que as ondas do feminismo são definitivas para a escrita da história mundial.

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos. (TELES apud RIBEIRO, 2021, p. 44)

Em uma perspectiva mais acadêmica, podemos dividir o movimento feminista — que é uma busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres — em três “ondas” que coincidem com alguns movimentos de luta. A primeira onda se deu no final do século XIX até meados do

¹Trecho da canção “É o poder” (2015) de Karol Conká.

século XX. Nessa época, o foco de luta das mulheres — deve-se ressaltar das urbanas, porque o conhecimento era muito mais concentrado nas cidades — era pela possibilidade de voto, participação na vida pública e na esfera política.

De acordo com Franchini (2017, *online*), “as feministas da primeira onda questionavam a imposição de papéis submissos e passivos às mulheres” ao mesmo tempo em que eram subordinadas aos maridos e aos pais, mas — vale frisar — que elas não eram propriedades de fato desses homens. O que oferece a compreensão de que essas mulheres eram brancas e que os direitos das pretas - muitas ainda em resquício de escravidão — não estava em pauta.

Como ressalta hooks (2019), não havia “mulheridade” para que as mulheres pretas lutassem ao lado de suas contemporâneas pelos direitos. Elas eram rotuladas apenas por sua raça, desvalorizando sua condição de mulher. “A maioria das feministas partiram do pressuposto de que os problemas que mulheres negras encaravam eram causados por racismo, não sexismo” (hooks, 2019, p. 34).

A diferença era bem clara desde o começo, já que a busca pelos direitos civis das mulheres brancas não abarca a condição de valor das mulheres pretas. Não é difícil imaginar que as mulheres brancas da época não eram tão adeptas à libertação dos escravizados. Como ressalta Franchini (2017, *online*), elas chegaram a ser contrárias aos movimentos abolicionistas por acharem que o ganho de liberdade por homens pretos diminuiria ainda mais as lutas pelos seus direitos. Nesse caso, prevalecia o gênero para elas, não a raça.

No Brasil, uma das primeiras educadoras feministas foi Nísia Floresta (1810-1885) — que tinha a agenda de lutas também dedicada às questões políticas e o direito aos espaços públicos. “Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro [...] a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho”².

É curioso pensar que enquanto o feminismo sufragista e predominantemente branco — e é imprescindível fazer essa diferenciação, já que não existia a concepção de um feminismo plural de fato — dava luz à questão da exploração sexual, mulheres pretas já eram submetidas ao estupro e outras violências há décadas. O silenciamento era gritante.

A segunda onda feminista aconteceu entre os anos 1950 e meados dos anos 1990, mas teve sua fase mais ativa entre as décadas de 1960 e 1970, já que nesse período, de acordo com Franchini (2017, *online*), as pautas eram mais voltadas à “condição de exploradas [das mulheres] por conta do nosso sexo e das nossas funções reprodutivas”.

² Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/> Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

Em terras brasileiras, como aborda Ribeiro (2021), o feminismo preto³ ganhou força no final da década de 1970 enquanto trabalhava para combater a ditadura e transformar as mulheres pretas em indivíduos políticos. Isso, sem deixar de defender as pautas sobre valorização no mercado de trabalho e de liberdade sexual.

A terceira onda teve início, mais ou menos, a partir dos anos 1990 e o conceito de interseccionalidade foi introduzido, um ano antes, pela professora Kimberlé Crenshaw e pareceu ser a base para a construção feminista que viria depois. Segundo a autora, interseccionalidade

trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW apud IGNACIO, 2020, *online*)

Ou seja, essa onda feminista vai se focar na destruição de certos padrões e pensamentos, ao mesmo tempo em que irá debater que as mulheres são oprimidas de modos diferentes e de acordo com suas individualidades. Um feminismo realmente plural é aquele que abraça as mulheres em seus pequenos detalhes. Isso é muito positivo, mas essa busca pela individualização também abriu portas para que o capitalismo abraçasse o ideário, generalizasse muitos conceitos e enfraquecesse uma parte do movimento.

Convivemos em uma sociedade que, ao mesmo tempo em que explora a força de trabalho feminina — muitas vezes em empregos que não considera “prestigiosos o suficiente” para os homens —, também se utiliza de frases de incentivo à luta pela igualdade em diversos produtos que, nem sempre, tem a participação das mulheres nos lucros. É o clássico exemplo de vender uma camisa com “*girl power*” para uma mulher que não será cogitada para uma vaga de emprego por seu gênero.

A liberdade de escolha das mulheres com seus próprios corpos começou a ser defendida de maneira indiscriminada, como explica Franchini (2017, *online*): “a luta contra a pornografia e contra a prostituição — típica da segunda onda — sendo silenciada, quando não censurada” e essas duas situações passaram a ser mais estudadas no campo da sexualidade.

A condição de “ser mulher” como um ser político e com suas reivindicações, como nos mostra Ribeiro (2021), sempre foi baseada no que se entende por uma mulher branca e de classe

³ Uma das principais bases do feminismo preto é o discurso "Ain't I A Woman?" feito pela ex-escravizada Sojourner Truth na Convenção de Mulheres em Akron, Ohio, em 1851. Em sua fala, Truth aborda a importância de dar luz às pautas das mulheres pretas na mesma proporção das brancas.

média. As mulheres pretas — até mesmo muitas brancas pobres — não dispunham de muitas das pautas feministas ao longo do tempo, pois já trabalhavam da mesma maneira que os homens pretos. O racismo permeava suas relações, ainda que isso não fosse o foco da luta feminista.

De acordo com Munanga (2003, p.7), o racismo deveria ser entendido como “uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns”, mas o antropólogo entende que, o que começou como uma observação e pesquisa do ponto de vista biológico, hoje é um conceito usado como forma de dominação entre povos/indivíduos e abarca as relações de poder entre opressores e oprimidos.

Neste sistema, um dos grupos sempre será negado e isso nada tem a ver com números. Os escravizados, por exemplo, estavam em vantagem nesse sentido para com os escravizadores, mas o poder que os brancos exerciam na época, em conjunto com outros fatores — como as barreiras linguísticas entre as pessoas pretas vindas de diferentes lugares, por exemplo — corroboraram para que a hegemonia branca vingasse e uma das maiores atrocidades da humanidade acontecesse.

O poder também será o responsável por definir quem contará a história e quais relatos ficarão para o futuro. Foi depois de muito tempo que os pretos conseguiram usar a própria voz para dizer algo a seu favor e por seus direitos. Até que isso acontecesse, os “senhores” detinham essa função e os pretos eram cada vez mais subjugados e reduzidos.

Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório. É uma grande luta, que pretende ampliar o projeto democrático. [...] Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir, de modo a construir novas bases sociais. No fim, nossa busca é pelo alargamento do conceito de humanidade. (RIBEIRO, 2021, p. 27)

E essa tal “humanidade” que prega Djamila Ribeiro nada mais é que uma busca por representações justas e descolonizadas, livres de um rebaixamento impresso e erroneamente direcionado aos pretos. No caso das mulheres pretas, uma tentativa de deixar de lado, também, a ordem fetichista da coisa.

Na maioria dos casos, a mídia brasileira apresenta a mulher negra como objeto sexual, ou como vítima ou protagonista de delitos e de crimes, mesmo assim, essa abordagem se dá de maneira superficial. Raras são as ocasiões em que a mulher negra é vista como detentora e construída de saber/conhecimento e opiniões, momentos no qual ela é vista como fontes fidedignas para matérias são raros. Se para mulher branca é complicado encontrar um lugar ao sol e ser ouvida, para a mulher negra a luta é muito maior, mais difícil e bem mais complexa. (SANTOS *et al.*, 2017, p. 1-2)

O sistema baseado no patriarcado, ainda que não tenha deixado a exploração dos

homens escravizados de lado, os protegia de possíveis ataques sexuais, mas não fazia o mesmo pelas mulheres. Elas precisavam lidar com os dois, a violência física e sexual, enquanto também passavam pela degradação de suas saúdes mentais vendo ao que seus filhos e familiares eram submetidos.

Tal situação de escravidão que deixa reflexos até os dias atuais coloca a estética preta em um patamar inferiorizado, já que difere dos símbolos relacionados ao conceito de branquitude. A mídia acaba imitando os espaços de socialização da realidade e as mulheres pretas entram em uma tentativa de se encaixar nos padrões mais eurocêntricos possíveis, ao mesmo tempo em que elas são postas em uma categoria de “objetos sexuais”, como se apenas servissem para esse feito e não para serem apresentadas à família/sociedade.

Em seu trabalho, *Tornar-se negro*, a psicóloga Neusa Santos (1983), evidenciou que “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SANTOS apud RIBEIRO, 2019, p. 11).

Passa a ser “comum” não encontrar tantos pretos em papéis de poder, seja na ficção ou em outros âmbitos da vida. O conceito de diversidade étnico-cultural tão pregado nos espaços nem sempre se faz realidade e, a sociedade como um todo acaba sendo prejudicada. Como proporcionar às crianças um exemplo de sucesso a ser seguido? Como demonstrar às meninas e aos meninos pretos que eles podem ocupar espaços em todas as profissões?

De acordo com Santos e Brasil (2017, p. 6), essa falta de participação nos espaços de poder acaba contribuindo para uma “exclusão material e subjetiva da população negra, que até hoje tem dificuldade para conhecer a sua história e suas tradições”. E, não é possível dizer que esse apagamento e desvalorização das contribuições negras sejam aleatórios. Pelo contrário.

O professor e sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos, em meados dos anos 1990, apresentou o termo epistemicídio que, anos mais tarde foi traduzido pela renomada filósofa Sueli Carneiro em sua tese de doutorado e referenciado por Djamila Ribeiro em seu *Pequeno manual antirracista* (2019):

É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. (CARNEIRO apud RIBEIRO, 2019, p. 62)

Levando essa imposição da sociedade em consideração, quando a comunidade preta se

encontra em certos estilos musicais, por exemplo, ela tende a enaltecer e buscar por mais espaços, em uma luta crescente por protagonismo. O Rap é um desses ambientes.

2.2 A figura da mulher no Rap brasileiro: de Karoline à Karol Conká

O Rap (do inglês *rhythm and poetry* traduzido por ritmo e poesia) surgiu em um primeiro momento na Jamaica, na década de 1960 e logo foi levado para os Estados Unidos, ganhando popularidade nos anos 1970 no bairro do Bronx, em Nova Iorque entre grupos pretos e latinos, constantemente abastados da sociedade. Em sua busca por uma sonoridade diferenciada e que imprimia nas rimas a vivência desses grupos, surge o estilo musical, pertencente ao movimento Hip Hop.⁴

Uma mistura de mixagens baseadas no *Soul* além do Pop da época, o Rap não demorou muito para conquistar espaço e ultrapassar fronteiras, chegando ao Brasil na década de 1980 e sendo positivamente acolhido pelas camadas mais marginalizadas da sociedade. A cidade de São Paulo e sua periferia diversa foi o primeiro lugar a ter contato com o ritmo.⁵

De acordo com Loureiro (2016, p. 237), essa propagação do Rap fora dos Estados Unidos aconteceu pela relação de aproximação entre o que o autor chama de “subalternos”, ou seja, aqueles que são discriminados. Existe, para o estudioso, uma espécie de comunicação de “periferia para periferia forjada sobre a experiência comum que normalmente conjuga exploração de classe e opressão étnico-racial”.

Em 1986, o DJ Theo Werneck fazia shows de Rap no Teatro Mambembe e o palco só cresceu. Os músicos Thaíde e DJ Hum foram uma das primeiras duplas a fazer sucesso. A partir daí, outros nomes do gênero apareceram e ganharam notoriedade através das rádios e dos estilos característicos. Grupos como Racionais Mc’s, Planet Hemp e Detentos do Rap tiveram destaque e suas músicas são reconhecidas até hoje.⁶

Como em muitos outros estilos, o ambiente do Rap acaba sendo primordialmente masculino, mesmo que suas músicas também conseguissem envolver mulheres periféricas em grande grau, graças às suas vivências e às críticas sociais contidas nas letras. No entanto, certos marcadores de gênero contidos nas rimas, que reforçam estereótipos machistas, acabavam por também afastar as mulheres dos protagonismos. Essas relações de poder entre homens e mulheres estão evidentes no Rap assim como em toda a sociedade. Na verdade, a questão de gênero perpassa noções de raça, classe social ou etnia. Ser mulher, muitas vezes, funciona como

⁴ Disponível em: <https://www.revistarap.com.br/rap-no-brasil/> Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/rap/> Acesso em 10 de dezembro de 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.revistarap.com.br/rap-no-brasil/> Acesso em: 10 de dezembro de 2021

“um motivo” para dificultar a entrada como participantes ativos do estilo musical.

Por isso, no começo do Rap brasileiro, não era raro que as mulheres que queriam cantar ou ganhar terreno se utilizassem de uma estética vista como “mais masculina”. Uma vestimenta mais larga e que não evidenciava sua feminilidade era a chance de passar despercebida para elas, tentando deixar a sexualização a que sempre foram submetidas fora de foco.

A história das mulheres cantoras de rap no Brasil nos mostra que elas criaram espaços e performances em uma forma de arte que nasceu como masculina. Essa prática delas foi e ainda é, para não serem vistas pelos homens e mulheres apenas como pessoas que possuem uma única função: reproduzir biologicamente e dar prazer sexual aos homens. (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 9)

No entanto, mesmo com rimas que colocavam os homens em posições mais altas na hierarquia, o discurso de valorização das mulheres negras frente às brancas era existente. Isso se deve a um reconhecimento maior da negritude nesses espaços, o que, em certo aspecto, deu às pretas mais possibilidade de entrar nesse mundo. A partir do momento em que o número de mulheres aumentou no Rap, pautas feministas deram o ar da graça e o discurso das rimas passou a ser outra voz de luta e resistência. Não é raro que as letras sejam, muitas vezes, consideradas como hinos para o movimento pela igualdade de gênero e contra o racismo, além de outras formas de discriminação.

Negra Li⁷, Drik Barbosa⁸, Karol Conká. São tantos os nomes femininos que lutaram para aparecer no cenário do Rap nacional e abrir espaço para as rappers da atualidade e, por que não, cantoras de outros estilos também. A presença dessas mulheres corrobora uma das citações mais famosas da professora e ativista Angela Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (MARTINELLI, 2019, *online*). Ou seja, essas cantoras precisaram erguer a voz para que na atualidade, Mc Soffia⁹, Mc Carol de Niterói¹⁰, Kmila CDD¹¹ e tantas outras mulheres pretas pudessem ter seus lugares na

⁷ Nome artístico da cantora Liliane de Carvalho (17 de setembro de 1979) nascida em São Paulo que iniciou sua carreira na música no grupo de Rap RZO (Rapaziada da Zona Oeste) em 1996 e dona de sucessos como *Você vai estar na minha* (2007) e *O homem que não tinha nada* (2014) em parceria com o cantor Projota.

⁸ Nascida na zona sul paulista, Adriana Barbosa de Souza (21 de abril de 1992) conheceu o Rap através das batalhas em Santa Cruz em 2007, aos 15 anos e, hoje em dia, é uma das afiliadas da gravadora Laboratório Fantasma de Emicida. A cantora é a voz por trás de hits como *Quem tem joga* (2019) feat. Gloria Groove e Karol Conká e *Inconsequente*.

⁹ Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia (22 de fevereiro de 2004) é uma jovem rapper de 18 anos que nasceu na zona oeste de São Paulo e é a voz por trás do sucesso *Menina pretinha* (2016).

¹⁰ Carolina de Oliveira Lourenço (6 de outubro de 1993) é uma funkeira niteroiense conhecida por músicas como *Bateu uma Onda Forte* (2013) e *Jorginho Me Empresta a 12* (2016), além do hit *100% Feminista* (2016) em parceria com Karol Conká.

¹¹ Kamila Barbosa (31 de março de 1988) é uma rapper nascida no Rio de Janeiro que atuou por muito tempo ao lado do irmão MV Bill como *backing* vocal. A cantora é conhecida pelo sucesso *Preta Cabulosa* (2017).

mídia, seja no Rap, no Funk ou no Hip Hop, considerando que esses ritmos acabam se misturando bastante.

No presente trabalho, focaremos em Karol Conká, sua vivência e obra que, mesmo não sendo completamente o foco do estudo de caso, precisam ser explicitados para que possamos compreender certas atitudes da sociedade frente aos acontecimentos envolvendo a artista. Karoline dos Santos de Oliveira nasceu no dia 1º de janeiro de 1987 na cidade de Curitiba. Desde pequena, por sua cor de pele, precisou se defender do racismo intrínseco da sociedade e, aos poucos, foi encontrando sua própria identidade.

Em entrevista para a Rolling Stone (É..., 2017)¹², a rapper deixa claro que seus pais tiveram uma relação bem forte em sua construção de beleza, já que era difícil para que ela mesma se enxergasse. A cantora chegou a tentar “descolorir” a própria pele com água sanitária depois de uma situação racista na escola. Isso mostra o quanto sua vida, desde a infância, foi perpassada por tais situações. Correlacionando tal vivência com a obra de Ribeiro (2021, p.14), percebemos como essa automutilação não é, nem de longe, algo isolado. Na verdade, essa ânsia de “ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer”.

Na mesma entrevista, fica clara a postura que Karol Conká possui como artista e sua forma de se posicionar como uma mulher preta em um espaço que, normalmente, não está de braços abertos para ela: o da fama e reconhecimento.

Está tudo ali: o look ultra-colorido, o cabelo rosa, as batidas quentes e com sabor brasileiro, as rimas provocativas e uma capacidade de reconhecer as próprias singularidades sem adotar qualquer tom de pedido de desculpa. Há também um clima de autossuficiência. É como se todos, só por estar ali, soubessem de uma regra não falada – é proibido sentir-se envergonhado. A junção desses elementos é o que faz de Karol uma artista tão magnética. Não só a primeira mulher brasileira do rap a furar o *mainstream*, mas alguém que chegou lá sem aceitar imposições. (ROLLING STONE, 2017)

Em 2013, a rapper ficou conhecida pelo país graças ao lançamento de *Batuk Freak*, seu álbum de estreia, mas depois do lançamento do hit *Tombei* de 2014, parceria com Tropkillaz¹³, seu crescimento foi exponencial. No entanto, nem a fama foi suficiente para mascarar o machismo e racismo do público com sua carreira. Em entrevista para a Veja (KAROL..., 2017), Karol comentou que

¹² Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-127/karol-conka-e-o-poder/> Acesso em: 22 de novembro de 2021.

¹³ Projeto de música eletrônica formado em 2012 pelos DJs brasileiros André Laudz e Zé Gonzales que já fez parceria com diversos artistas como Iza, Anitta, Matuê, entre outros.

O sucesso da mulher ainda incomoda os homens. Existe a ideia de que a mulher só alcança algo depois de abrir as pernas para alguém. Eles nunca vão achar que é porque ela foi inteligente o suficiente, ou que calculou sua carreira. Mulher só é respeitada quando ganha visibilidade, e são pouquíssimas.¹⁴

As rimas da cantora e seu estilo “tombamento”¹⁵ — gíria popularizada com a canção de Conká citada anteriormente e que pode ser entendida como “chegar arrasando em um lugar, mandar bem em algo” — levaram sua música até a abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 ao lado da rapper mirim, na época, Mc Soffia.

Imagem 1 – Karol Conká e Mc Soffia se apresentam na abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: Agência Reuters

A mídia internacional elogiou bastante a apresentação das duas, o que certamente, alavancou mais ainda a carreira de Conká fora do Brasil. O conhecido site Hollywood Life chegou a fazer uma matéria sobre curiosidades da cantora¹⁶ para a audiência de fora, aumentando sua visibilidade.

A voz da rapper não podia ser ignorada graças ao seu discurso voltado para uma ótica

¹⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/karol-conka-sucesso-da-mulher-ainda-incomoda-os-homens/> Acesso em: 19 de novembro de 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://qualeagiria.com.br/giria/tombe/> Acesso em 22 de janeiro de 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://hollywoodlife.com/2016/08/05/who-is-karol-conka-rapper-olympics-opening-ceremony-performing/> Acesso em 23 de janeiro de 2022.

que procura empoderar mulheres, então ela passou a outro patamar de importância para o público. A carreira de cantora dividida com a de influenciadora — em um período em que os famosos não são importantes apenas por aquilo que os levou à fama, mas também por suas atitudes nas redes sociais, como influenciadores — e isso levou a mulher preta ao papel de apresentadora de dois programas do canal pago do Grupo Globo, GNT: substituindo a cantora Ivete Sangalo, Karol ficou à frente do *Superbonita*¹⁷ entre 2017 e 2018 e, logo depois, em outubro de 2020, ao lado da ex-BBB 20 e ginecologista Marcela Mc Gowan, Conká apresentou no YouTube do canal global, o programa *Prazer, Feminino*¹⁸.

Como discorre hooks (2019), o que se entende por força ao se falar das mulheres pretas está diretamente ligado ao modo como elas lidam com a opressão que vivem, em todos os sentidos. As músicas de Karol são potentes e demonstram como o que Virginie Despentes (2016) discute como a virilidade afeta uma mulher que foi ensinada, por conta de seu gênero, a não exercer o poder ou qualquer tipo de prazer. O trecho do hit “É o poder” (2015), produção de Tropkillaz, exemplifica bastante essa vontade de “afrontar” presente em Conká:

Sociedade choque eu vim para incomodar/ Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar/ Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim, se equivocou/ Fui eu quem criei, vivi, escolhi, me descobri, e agora aqui estou/ Não aceito cheque, já te aviso, não me teste/ Se merece então não pede, vai fazer algo que preste! / Quem é ligeiro investe, não só fala também veste/ Juiz de internet caga se espalhando feito peste.

O tipo de feminismo que prega Despentes em seu livro, esse que fica longe dos estereótipos do que se espera de uma pessoa do gênero feminino e mais perto de um indivíduo que, além de conhecer o próprio corpo, compreende seus direitos e desejos, está bastante presente na cantora curitibana.

Em sua passagem pela 21ª edição do programa global *Big Brother Brasil*, Karol Conká protagonizou uma série de situações polêmicas que desencadearam o seu cancelamento nas redes sociais, ainda que a sua imagem fosse bastante positiva antes de chegar à “casa mais vigiada do Brasil”.

¹⁷ Programa de entrevistas com personalidades femininas exibido e produzido pelo canal pago GNT que tem como foco as questões do universo das mulheres.

¹⁸ Marcela McGowan e Karol Conká comandam programa com diferentes convidadas produzido para o canal do YouTube do GNT sobre sexo e o prazer da mulher, além de assuntos que costumam ser tabus na sociedade.

Imagem 2 – Captura de tela de postagem da atriz Cleo Pires em resposta ao anúncio da participação de Karol Conká no BBB21



Fonte: Twitter (Rede Social)¹⁹

Os acontecimentos do reality show serão destrinchados no próximo capítulo, mas é importante seguirmos o pensamento com um questionamento central: a cultura do cancelamento é mais cruel com pessoas não-brancas?

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/cleo/status/1351720727834189824> Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

3 “VENHA VER OS DESLIZES QUE EU VOU COMETER”²⁰: CULTURA DO CANCELAMENTO E CRISES DE IMAGEM

De acordo com José e Rocha (2021, p. 21), o cancelamento é, “por si só, um ato injusto que deseja fazer justiça. Porém, não se faz justiça com instrumentos ou ferramentas injustas, como é o caso do cancelamento e da humilhação pública”. O discurso de ódio move aqueles que acreditam estar fazendo o certo — no caso, julgando o indivíduo que cometeu o erro — e os leva a cometer mais do que apenas o afastamento daquela pessoa, mas sim, seu linchamento virtual e ao vivo.

3.1 “Se pudesse escolher. Entre o bem e o mal, ser ou não ser?”²¹

O dia 19 de janeiro de 2021 começou com o anúncio de Karol Conká no elenco do grupo chamado de “Camarote” (composto apenas por pessoas famosas) da edição 21 do *Big Brother Brasil*. A rapper foi a primeira a ser confirmada oficialmente pelas contas do programa nas redes sociais e na chamada ao vivo na Rede Globo e seu discurso animou bastante seus fãs e amigos.

Eu sou Karol Conká: cantora, apresentadora, rapper, atriz, modelo, tombadeira. Não foi fácil ser uma mulher no Rap e todo boy que chega na minha área passa mal. Quando eu recebi o convite pra entrar na casa do BBB, eu fiquei bem assim ó [expressão e emoji de espanto]. Minhas estratégias de jogo: não me envolver com ninguém, isso vai ficar gravado? [risos]. Não é só pra aparecer, eu quero ganhar.²²

Ao longo de sua carreira, Karol Conká com suas roupas, rimas e jeito irreverente construiu uma identidade para seu público, através de atributos tangíveis e intangíveis. A partir disso, foi criada uma imagem — que não pertence à cantora, mas sim que está na cabeça da audiência — e uma reputação, que tinha a ver com a sua credibilidade discursiva.

²⁰ Trecho da canção “A queda” (2022) de Gloria Groove.

²¹ Trecho da canção “Vida real” (2002) da banda RPM.

²² Vídeo de anúncio no Instagram do programa de Karol Conká e Arthur Picoli no BBB-21 em 19 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKPSoWFF07L/?utm_source=ig_embed&ig_rid=e5b04a18-6d36-46ad-b39d-5741f08b3f0b Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

Imagem 3 – Captura de tela de postagem da cantora Anitta respondendo à publicação de Karol Conká no Instagram em 19 de janeiro de 2021



Fonte: Instagram (Rede Social)²³

Imagem 4 – Captura de tela de postagem do ator Bruno Gagliasso em resposta ao anúncio da participação de Karol Conká no BBB21



Fonte: Twitter (Rede Social)²⁴

Além dos famosos reagindo, a mídia brasileira se dedicou a comentar sobre a artista e fazer algumas matérias para apresentar ao público a sua carreira e sua personalidade, que seria mais destrinchada no programa. Em matéria do jornal O Povo (BBB..., 2021), o veículo apresenta a estratégia da cantora no jogo.

Sobre ser competitiva, ela garante: “Fico competindo comigo mesma, hoje vou ser

²³ Postagem já deletada da rede social da rapper Karol Conká.

²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/brunogagliasso/status/1351633581039353857> Acesso em: 13 de fevereiro de 2022.

melhor do que fui ontem. Tenho um condicionamento bom para aguentar umas coisas. Meu foco é o prêmio, estou entrando para ganhar, quero ir pra final. Nada tira meu foco”, avisa a cantora, que imagina a reação dos amigos quando descobrirem sobre sua participação no reality: ‘Ninguém imagina! Eles vão amar. Vai ter gente surtando, vão fazer mutirão’.²⁵

A vigésima primeira edição do programa iniciou no dia 25 de janeiro de 2021 e assim que começou a interagir com os outros participantes, a cantora foi considerada uma das “líderes do jogo” — graças a sua carreira e vivência fora do programa — tendo suas opiniões entendidas como bastante relevantes para o andamento da temporada. A “mamacita” — forma como era chamada nas redes sociais graças às letras de suas músicas que dizem “Enquanto mamacita fala, vagabundo senta”²⁶ — tinha bastante influência na casa.

Despentes (2016) já desenha um lugar que ajuda a compreender como foi montada a imagem da rapper para a sociedade: uma mulher preta, periférica e que ganhou espaço no cenário midiático através do que pode ser considerado “fora dos padrões”. Karol Conká, como comenta Bentes (2021, *online*) a partir do texto de Despentes, “sustenta um feminismo negro viril que a torna ainda mais ‘insuportável’, pois tem uma autoestima avassaladora, e usa o seu lugar de poder como qualquer branco vencedor usaria”.

As músicas de Conká, bem como sua própria atitude e aparência, mostram o lado mais forte da cantora que, por ser uma mulher preta, está à margem da sociedade. Além disso, o ambiente do Rap é majoritariamente masculino, o que faz com que a mulher precise se impor para ser respeitada como artista e pessoa. Como aponta Despentes (2016, p. 9), Karol não se importa “de parecer dura com os homens que não a fazem sonhar”. Ou seja, em uma realidade que espera que a mulher se comporte como mais “frágil” e discreta, a figura de Karol Conká não se importa em ser menos parecida com o “ideal feminino” e mais semelhante ao que “se espera” de um homem. Essa proximidade acaba por incomodar.

Durante a estadia na casa do BBB, a figura de Karol Conká gerou diversos conflitos com diferentes participantes. O ator Lucas Penteado, a advogada Juliette Freire, a atriz Carla Diaz e a influenciadora Camilla de Lucas protagonizaram os embates mais relevantes com a cantora dentro do programa e os acontecimentos serão relatados a seguir, para melhor compreensão dos fatos.

Como mostra a reportagem da Carta Capital, a participante foi acusada de impor, em mais de um companheiro de confinamento, “pressão psicológica [...]”. O episódio mais grave

²⁵ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/divirtase/bbb/2021/01/19/bbb21--karol-conka-e-uma-das-participantes-do-grupo-camarote.html> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

²⁶ Trecho da música Tombei (2014) de Karol Conká.

levou o participante Lucas Penteado a deixar a casa na segunda semana do jogo”²⁷. Toda a situação que desencadeou na saída do rapaz começou na primeira festa da edição, a *Réveillon* (28/01/2021).

Lucas Penteado tentava ser “cupido” de outros participantes quando, em uma conversa com a modelo e influenciadora Kerline Cardoso, acabou levando um fora da modelo. Isso o desestabilizou, porque ele se sentiu rejeitado como um homem preto por uma mulher branca. Lucas chegou a confidenciar a outra participante “Eu senti que ela foi maldosa”²⁸.

Depois, na festa *Herança Africana* (29/01/2021), as coisas voltaram a se complicar, fazendo com que mais pessoas fossem envolvidas na situação. De acordo com o site Metrôpoles, o ator quis ver quais dos *brothers*²⁹ eram verdadeiramente seus aliados para causar uma espécie de “revolução”: “Eu precisava que as pessoas achassem que eu estou muito chapado, para ver quem é que está comigo e quem não está”, explicou Lucas³⁰.

Além das situações criadas com outros companheiros, Lucas e Kerline se desentenderam mais uma vez e a *sister* foi para o quarto chorar junto de outras mulheres. Momentos depois, Karol Conká que ouvira o relato de Kerline e o de Camilla de Lucas resolveu confrontar Penteado e se colocar como defensora delas: “Você não vai encurralar as meninas na parede, não vai desestabilizar as meninas. Agora eu tô do lado da Kerline”, ela disse a ele.³¹

Um dos pontos altos entre Conká e Lucas foi durante o almoço (01/02/2021) em que a cantora expulsou o ator da mesa para que ela pudesse comer sem a presença do companheiro. “Quero comer na paz do senhor, entendeu? Não quero que você fale enquanto estou na mesa comendo. Me respeita, valeu, não ‘tô afim”, ela disse ao ator que, em um primeiro momento, não entendeu que a cantora falava com ele. Quando ela confirma que sim, está se referindo a ele, Lucas se levanta e pede para que ela avise quando terminar de comer para ele poder voltar. “Isso, você não sabe calar a boca então é melhor sair mesmo”, Karol diz a ele que se desculpa em seguida. “Não desculpo, vai cagar [...] Vá à merda, vá se fazer de louco lá pra fora, pede para sair. Já deu, Brasil”, ela continua falando enquanto o rapaz sai da mesa.³²

²⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/caso-karol-conka-existe-um-limite-para-o-cancelamento/> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

²⁸ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/eu-senti-que-ela-foi-maldosa-confessa-lucas-sobre-kerline> Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

²⁹ Termo comumente usado para se referir aos participantes do programa, assim como o feminino *sister*.

³⁰ Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/bbb21-lucas-penteado-surta-com-jogo-e-casa-vive-noite-de-caos> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/karol-conka-diz-quer-lucas-que-encurralar-meninas-to-do-lado-da-kerline> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f9hxi-SqcAw&t=11s> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

Momentos depois, quando o ator já tinha saído da mesa, a cantora comenta para quem está sentado com ela que Lucas vai “aprender na marra, na tortura. Já que estamos vivendo uma tortura, vou torturar também. Se está sendo permitido torturar psicologicamente os participantes, eu vou torturar ele também”³³.

Conversando com outros *brothers* ainda na cozinha, Karol Conká continuou falando sobre Lucas e disse que ele só ia comer quando ela saísse da mesa e que ele, qualquer coisa, podia colocá-la no paredão³⁴. A cantora segue, dizendo que tem sua “vida e carreira bem bonita lá fora”. Logo após, em conversa com os participantes Nego Di³⁵, Projota³⁶ e Lumena Aleluia³⁷, Karol diz que Lucas está provocando a toda hora com expressões fechadas e, com raiva, ressaltou que “estouraria a cara dele” se continuasse assim. Os outros participantes tentam acalmar a cantora prometendo a saída de Lucas no próximo paredão.

As redes sociais responderam quase de imediato aos acontecimentos, mas não no sentido de dar razão às atitudes da rapper como os participantes da casa estavam fazendo. A internet assumiu o papel de justiceira e resolveu punir a cantora sem possibilidade de defesa por parte dela ou dos que comandavam suas redes.

É importante ressaltar que o público enxerga as celebridades atualmente a partir da ótica da veneração. Em um mundo de “fadas sensatas”³⁸, acompanhar esses artistas “criou toda uma lógica de consumo que transcende os limites da pessoa física e eleva a adoração a níveis subjetivos nunca antes alcançados” (MORAES, 2005, p. 18). Ou seja, quando os famosos erram, por toda a exposição a que estão sujeitos, a resposta do público é muito mais forte e explícita.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvWtzJPi46s> Acesso em 03 de fevereiro de 2022.

³⁴ Termo comumente usado para indicar a votação para a eliminação do *reality*.

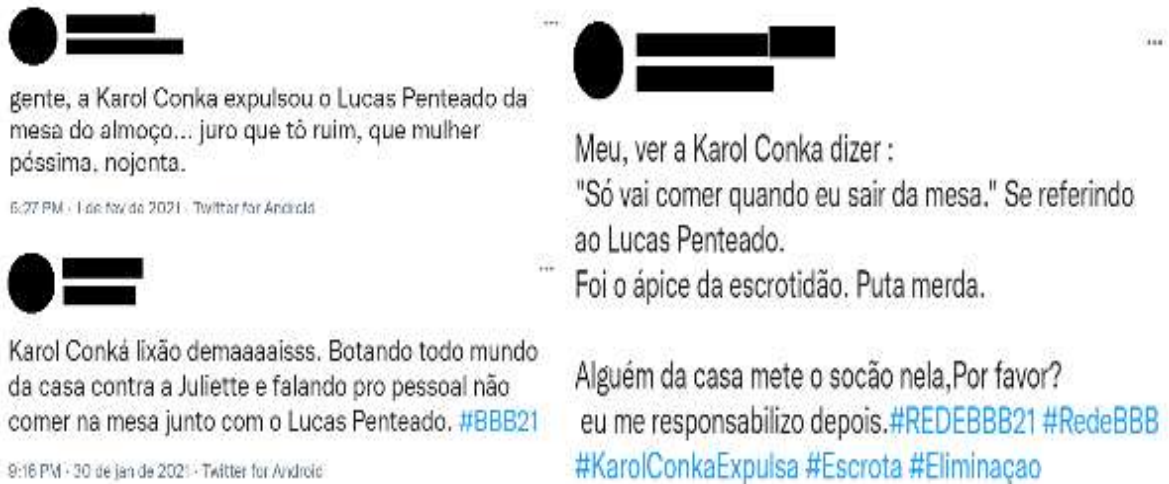
³⁵ O comediante gaúcho Dilson Neto participou do BBB 21 e foi o terceiro eliminado com 98,76% dos votos.

³⁶ O rapper nascido em São Paulo e conhecido por hits como “Muleque de Vila” (2016), Projota foi o sétimo eliminado com 91,89% dos votos.

³⁷ A psicóloga e DJ baiana foi uma das principais aliadas da cantora no jogo e corroborou com as suas atitudes. Lumena foi duramente criticada por isso e foi eliminada no paredão seguinte ao de Karol com 61,31%.

³⁸ Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/fada-sensata/#:~:text=De%20onde%20surgiu%20a%20g%C3%ADria,postando%20coment%C3%A1rios%20embasa dos%20e%20inteligentes> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

Imagem 5 – Capturas de tela de postagens nas redes sociais em resposta ao embate de Karol com Lucas Penteado



Fonte: Twitter (Rede Social)

Esse discurso de ódio destinado à figura de Karol Conká se espalhou rapidamente pelas redes, fazendo com que a equipe da rapper precisasse se posicionar online, porque as dimensões estavam ultrapassando os limites do jogo e da competição pelo prêmio. A cultura do cancelamento e do linchamento através da internet acompanharam as questões da casa e julgaram o comportamento de Karol em tempo real.

Como aponta Forni (2013, p. 251), os consumidores — nesse caso, os seguidores da cantora e os fãs que acompanham seu trabalho — esperam explicações e uma resposta rápida aos acontecimentos que levaram à crise. Ainda que critiquem, o silêncio não é o mais indicado para a situação e a equipe da cantora reagiu a isso, oferecendo uma resposta no Twitter tão logo os ataques começaram. Essa resposta será apresentada mais adiante.

Como uma novela, o *reality show* separa os participantes em mocinhos e vilões graças aos seus posicionamentos de jogo e relações com os demais e o público incorpora o papel de julgador de quem fica ou de quem sai. Com as redes sociais, essa noção parece exacerbada e, com isso, os xingamentos e retaliações também.

No caso do BBB, a partir do momento em que os personagens chegam à casa, o eixo do querer já está constituído: além de fama e visibilidade, os personagens almejam ao prêmio de R\$1 milhão [atualmente o prêmio concedido aos participantes está no valor de R\$ 1,5 milhão]. A trajetória narrativa passa então a formar-se pela busca desses objetos. Se a busca pelo valor do prêmio pode ser identificada como aquela que comporta o investimento semântico de maior peso, em torno dela, giram investimentos suplementares e variáveis. Constituem-se assim personagens que exploram supostas qualidades vocais, de atores, modelos, dançarinos e aqueles cujo objeto de desejo é a conquista da mulher amada (o elemento romance é fundamental para a narrativa do reality-show). (MIRANDA, 2007, p. 11)

Além das situações descritas, Karol e Lucas também se “enfrentaram” no primeiro “Jogo da Discórdia” — que se trata de uma dinâmica para incitar algum tipo de reação dos jogadores, dando a eles a oportunidade de discutir efetivamente o jogo no programa ao vivo — em que foram abordados os cancelados e os canceladores, já que essa era a palavra “da moda” dentro da casa. Lucas e Karol trocaram farpas durante a atividade: enquanto a rapper disse que o ator era o “cancelador que cancelava a paciência e a vontade de estar no programa”, além de o ter chamado de abusador (fora do ao vivo), Lucas disse que Conká era quem fazia esse papel e que ela tinha “passado do ponto e que esperava ofendê-lo e xingá-lo [...] como se fosse um Deus na terra, decidindo que ele estava completamente errado”.³⁹

À parte das questões com Lucas Penteado — que resolveu desistir do jogo ainda na segunda semana por uma junção de diversos acontecimentos na casa —, Karol também teve desentendimentos frequentes com Juliette Freire e com Carla Diaz, bem como uma discussão emblemática com a influenciadora Camilla de Lucas. As questões com Juliette e Carla, normalmente, tinham como tema a proximidade das duas com Arcebiano Araújo (Bil)⁴⁰, breve *affair* da cantora no programa. Com a vencedora do BBB21, os problemas também se davam pelas falas — que a internet caracterizou — xenofóbicas.

Conversando com Thaís Braz⁴¹ no quarto, Karol Conká comentou sobre a educação e se referia à Juliette.

Lá na terra dessa pessoa é normal falar assim. Eu sou de Curitiba, é uma cidade muito reservadinha. Por mais que eu seja artista e rode o mundo, eu tenho os meus costumes. Eu tenho muita educação para falar com as pessoas. Tenho meu jeito brincalhão, [...] mas reparem que eu não invado e não falo pegando nas pessoas. [...] Eu acho estranho.⁴²

Essa fala acabou gerando revolta nas redes sociais e a Associação dos Nordestinos do Estado de São Paulo (Anesp) decidiu entrar com um processo contra a rapper e a emissora, alegando xenofobia e difamação por parte de Karol e tendo a Rede Globo como coautora.⁴³ Além das situações com Lucas Penteado, declarações como essa fugiram da figura que Conká passava e construía com suas músicas.

³⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PRF_jfeyTy0 Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁴⁰ O modelo e educador físico Bil Araújo participou do BBB21 e teve um breve relacionamento com Karol Conká durante sua estadia no programa.

⁴¹ A cirurgiã-dentista foi participante do BBB21.

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqzbEI1XcT0> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁴³ Disponível em: <https://pleno.news/entretenimento/tv/associacao-dos-nordestinos-processa-globo-e-karol-conka.html> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

Imagem 6 – Captura de tela de postagem no Twitter sobre a relação entre Karol Conká e Juliette no BBB21



Fonte: Twitter (Rede Social)

Com Carla Diaz, a briga foi bem acalorada durante a madrugada de 07 de fevereiro, na festa *Holi Festival*. No começo da comemoração, a cantora comentou com alguns companheiros que percebeu interesse da atriz por Arcrebiano e chegou a contestar Carla sobre o assunto, ao que ela negou e disse não ter nada entre eles. Diaz, momentos depois, desabafou com Thais Braz: “Nunca me envolvi com ninguém que estivesse em um relacionamento. É muito veneno sendo destilado por todos os cantos. Isso magoa muito. Ela disse que achou que eu estava de olho em outra pessoa, que eu não flechava ele [Arthur Picoli] porque estava de olho no Bil”.⁴⁴

Após um tempo, Camilla de Lucas tentou amenizar a situação, mas tudo culminou na discussão entre Karol e Carla no quarto, em que a cantora acusou a atriz de “se fazer de santinha” para as outras meninas e não assumir o que estava fazendo — dar em cima de Bil — e falando, “tirando a rapper de ciumenta” nessa história. Carla, que estava dormindo antes, foi pega de surpresa e tentou rebater Karol, “você veio me dizer que estavam dizendo que eu estava dando em cima do Bil”. As duas se exaltaram, Karol Conká chamou Carla Diaz de falsa por ter “aberto a briga” para outras pessoas e foi para cima da atriz, apontando o dedo, mesmo sem tocá-la. No final, Conká saiu do quarto e a relação entre as duas não foi mais a mesma.

Com Camilla de Lucas, a briga com Karol começou após Gilberto Nogueira (Gil)⁴⁵ ter

⁴⁴ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/-bbb-21-carla-diaz-briga-com-karol-conka-e-arcrebiano-critica-cantora_a310854/1 Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁴⁵ O economista foi participante do BBB21.

se alterado com situações de *disse-me-disse*⁴⁶ na casa. Quando a influenciadora foi acolher Gil e disse que não podia escolher um lado da discussão, pois não estava presente quando começou, Karol disse que ela não estava ao seu lado, mesmo Gil estando errado.⁴⁷ Camilla rebate dizendo que a cantora está colocando “como se ela estivesse do lado de outras pessoas, fazendo um complô para destruir o outro lado, o que não existe”. A rapper quer encerrar o assunto, diz que não precisa da amizade de Camilla, mas a influenciadora coloca que se “ela falou no seu nome, agora irá escutá-la se posicionar”.

A influenciadora diz que Karol quer “jogar uma pessoa contra a outra e diz que não é idiota” para deixar isso acontecer. “Você pode ser a Karol Conká, a ‘braba’, lá fora, mas tem outra ‘braba’ aqui dentro também”. Conká replica dizendo que Camilla “quer competir com a pessoa errada” e depois comenta que ela queria criar “competição entre duas mulheres pretas”, ao que Lucas critica, “não vem levantar militância em questão de afinidade, porque eu não sou obrigada a gostar de você”. As duas trocaram mais algumas farpas, até que a rapper resolveu se distanciar.

A reputação de Karol Conká foi se enfraquecendo entre os participantes graças a esses embates, ou seja, seu *reputing* foi decaindo até que ela não conseguisse mais criar relações tão confiáveis com todos os seus interlocutores. Como explica Forni (2013, p. 45), o *reputing* (sem tradução para o português) é o processo de criar uma forte reputação e alinha diversos aspectos, como a identidade da artista, o que ela diz e suas ações. A credibilidade da rapper estava abalada e ela foi indicada por Sarah Andrade ao paredão.

Esses momentos descritos — que foram os principais do confinamento da cantora — levaram a uma torcida por sua eliminação, que já era tida como certa assim que ela fosse ao paredão, e o recorde de todas as edições do *Big Brother* Brasil⁴⁸, 99,17%, foi batido.

Durante a semana que antecedeu o resultado, houve uma espécie de catarse nacional em fazer justiça para retirar a participante, uma rapper, que já vinha sendo cancelada pelas suas atitudes polêmicas no jogo, acumulando grandes prejuízos na sua carreira profissional. (JOSÉ; ROCHA, 2021, p. 49)

A presença da cantora no paredão de 23 de fevereiro movimentou diversos estabelecimentos a oferecer descontos aos seus clientes que acertassem a porcentagem de rejeição. Alguns bares, mesmo com a pandemia e as restrições sanitárias, organizaram transmissão ao vivo do programa para que seus clientes pudessem assistir à eliminação da

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNpFoVsryJ8> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁴⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s_VI_m396Lg Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁴⁸ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/-bbb-os-12-maiores-recordes-de-eliminacao-do-reality-show_a312102/1 Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

cantora⁴⁹. De acordo com Bentes (2021, *online*),

A questão é que o ódio engaja e mobiliza. Os famosos buscam o programa para amplificar seu trabalho, os anônimos ganham milhares de seguidores, e quem acompanha e comenta na internet ganha likes ou chuva de mensagens de aprovação e/ou ódio, dependendo de quem resolvem defender ou atacar.

Imagem 7 – Peças publicitárias que utilizaram o cancelamento da artista



Fonte: Instagram (Rede Social)⁵⁰⁵¹

3.2 “Sei que 'cê gosta de ouvir os aplausos, mas gosta muito mais de me ver sangrando”⁵²

A partir do movimento #MeToo em 2017, a cultura do cancelamento se estruturou como pode ser encontrada hoje online⁵³. O movimento feminista que surgiu com a *hashtag* denunciou o assédio sexual em Hollywood e serviu para colocar um alvo em cada homem mencionado, boicotando o trabalho deles e levando-os ao status de cancelados.

As redes sociais tiveram um papel fundamental como canal de denúncia e, depois disso, todo e qualquer assunto se tornou passível de julgamento e cancelamento. Os atos de Karol Conká durante o confinamento tomaram uma proporção muito maior do que o programa e a

⁴⁹ Disponível em: <https://sitedabaixada.com.br/geral/2021/02/23/bares-na-baixada-fluminense-organizam-transmissao-do-paredao-do-bbb21-e-declaram-torcida-pela-saida-de-karol-conka/> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLksv59IGe6/> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLpIPtDFOP2/> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

⁵² Trecho da canção “A queda” (2022) de Gloria Groove.

⁵³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/08/o-que-e-a-cultura-do-cancelamento/> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

própria cantora. A pandemia da Covid-19 e a necessidade de uma quarentena para evitar o contágio aumentaram os sentimentos com relação ao programa e a repercussão na internet. De acordo com Bentes (2021, *online*),

o BBB 21 virou um espelho amplificado de tudo o que a sociedade tem de pior: a ideia do jogo de sobrevivência e de rivalidade dos mais fortes, dos mais articulados, dos mais capazes de “jogar” com domínio das narrativas, e um termômetro de quanta rejeição podemos extravasar com essa catarse coletiva pelo ódio.

A rejeição da rapper pode ser vista em números também, além do ódio destilado pelas redes. Antes da entrada no programa, Karol tinha 1,5 milhão de seguidores no Instagram e chegou a alcançar a marca de 1,8 milhão quando foi anunciada como participante. Com suas ações, ela perdeu uma quantidade significativa e chegou a 1,2 milhão.⁵⁴

Foi criada até uma página no Instagram de rejeição da cantora que visava ter mais seguidores que Karol e chegou a dois milhões. Em outras edições já foram criadas páginas pedindo pela eliminação de outros participantes, movimentadas, principalmente, durante os paredões, mas o engajamento da rede de chegar a essa marca, certamente é algo histórico para o programa. A página, no presente momento, já foi apagada.

Imagem 8 – Captura de tela da página mais famosa de rejeição à Karol Conká

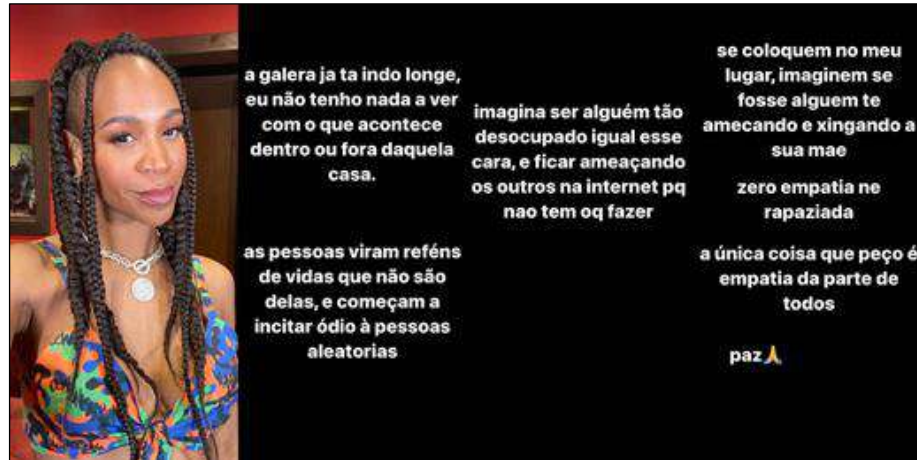


Fonte: Instagram (Rede Social)

E, o cancelamento de Karol não se limitou a ela ou a sua estadia no programa global, muito pelo contrário. O tribunal da internet, como destacam José e Rocha (2021, p.31), “estende a pena aos familiares de quem foi condenado” e isso fez com que Jorge, o filho da cantora de, então de 15 anos, precisasse se pronunciar nos *Stories* do Instagram para tornar público os ataques que vinha sofrendo.

⁵⁴ Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/saiba-quantos-seguidores-karol-conka-tinha-antes-do-bbb-21.html> Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

Imagem 9 – Captura de tela da denúncia do filho de Karol Conká sobre ataques recebidos nas redes sociais



Fonte: Instagram (Rede Social)⁵⁵

Além de hostilizada nas redes, a rapper teve prejuízos em sua carreira profissional ainda dentro da casa em conjunto com a perda de seguidores. O festival Rec-Beat decidiu suspender a exibição do material gravado pela cantora por discordância das declarações da artista dentro do BBB21.⁵⁶ O festival Rock The Mountain também resolveu, em comum acordo com a equipe dela, cancelar a participação de Conká no evento.⁵⁷

O cancelamento de Karol Conká atingiu um ativo muito frágil de uma figura pública, sua reputação que, de acordo com Forni (2013, p. 43), “tem a ver com expectativas da sociedade em relação a pessoas ou organizações”. A reputação se constrói através de um conjunto de atitudes, “juízos de caráter lógico e alicerçada em argumentos” (IASBECK apud FORNI, 2013, p. 44) e leva tempo para se estabelecer, mas poucos segundos para ruir.

⁵⁵ Disponível em: <https://twitter.com/HugoGloss/status/1358580084781768704> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

⁵⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/02/02/festival-rec-beat-suspende-exibicao-de-participacao-de-karol-conka-atitudes-vaio-contra-principios-basilares.ghtml> Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

⁵⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CK_67BoF7hf/?utm_source=ig_embed&ig_rid=e965c2e3-058c-46e4-8236-90507c17f2eb Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

Imagem 10 – Foto do outdoor colocado na cidade de Taubaté (SP) na época do paredão da rapper



Fonte: Twitter (Rede Social)

Os acontecimentos do *Big Brother* estremeceram o seu capital reputacional e sua imagem frente à sociedade. A mesma intensidade aconteceria se o protagonista fosse uma pessoa branca?

Segundo Forni (2013, p. 45), “é importante saber que nas crises, na maioria das vezes, as percepções são mais importantes do que os fatos. Além disso, a percepção pública é formada pela emoção, não pela razão”. Isso significa pensar e levar em consideração o racismo e o machismo intrínsecos nas relações e que acabam direcionando a condenação, não só pelo “crime” cometido, mas também por quão dentro dos padrões está aquela pessoa.

Em entrevista à Revista Capricho, alguns meses após sua eliminação, a rapper comenta a situação de seu cancelamento e diz que

Estou fazendo meu papel como todo negro, que já nasce meio que sendo cancelado e tem que passar a vida inteira provando que serve para alguma coisa [...] O racista não aceita nada de bom. Se o artista negro não dá motivo para ser atacado, eles ficam esperando.⁵⁸

A edição de 2022 do *Big Brother* Brasil conta com dois exemplos de situações que levariam ao cancelamento, mas foram encaradas pelo público de formas muito mais brandas.

⁵⁸ Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/karol-conka-e-a-cultura-racista-do-cancelamento-tiveram-muitos-viloes/> Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

A que mais se assemelha, de certo modo, é a participação da influenciadora Jade Picon. Com 20 anos, uma legião de milhões de seguidores e dona de uma fortuna maior que o valor do prêmio, Jade entrou no programa com a expectativa de sair do ideário de “menina mimada” e aumentar seu público, mostrando a eles que poderia crescer e aprender como pessoa. No entanto, “ela agiu de forma confusa ao priorizar sua rivalidade com o [ator] Arthur Aguiar no jogo – rivalidade esta que surgiu de repente e sem motivos claros”.⁵⁹

Como reportou o jornal Metrôpoles, “O excesso de autoconfiança e a humildade escassa parecem ter desagradado a audiência que, num primeiro momento, viu Jade como uma estrategista”⁶⁰. A influenciadora chegou a perder seguidores⁶¹, mas sua equipe abraçou a narrativa do programa que a transformou na grande vilã da edição, e o desagrado do público não tomou nenhuma proporção exagerada, mesmo que a audiência quisesse sua eliminação da competição.

A “revolta” das redes sociais com Jade Picon, a parte do jogo, se deu durante os seus 30 segundos de discurso ao público para permanecer na casa, quando a jovem já estava no paredão contra Arthur Aguiar e a professora de biologia, Jessilane Alves.

Quero muito ficar, essa está sendo a melhor experiência da minha vida, de longe. Mas também sei que não basta querer, tem que fazer por merecer e eu acredito que tenho feito isso aqui. Me joguei, tenho enfrentado tudo com muita coragem e tenho sido muito coerente com o meu jogo, sem medo de nada. E seria maior que tudo, um sonho, poder usar toda essa experiência como veículo pra ajudar milhares de pessoas, ganhando o prêmio e doando 1 milhão e meio para cinco instituições diferentes brasileiras. E #ForaArthur pra terminar.⁶²

Ao apontar, no ao vivo, que gostaria de continuar na disputa para fazer doações de caridade com o valor do prêmio, Jade não foi bem interpretada. Quando, no dia seguinte, no Jogo da Discórdia, o bacharel em direito, Gustavo Marsengo, colocou a competidora no posto de incoerente, ele comentou que seu discurso tinha sido um dos mais apelativos, por usar algo que não deveria nem ser mencionado para se defender e que não condizia com a figura de mulher/jogadora forte que Jade mostrava⁶³.

⁵⁹ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/jade-repete-discurso-de-karol-conka-e-se-torna-vila-odiada-do-bbb-22-76698> Acesso em 27 de março de 2022.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/jade-picon-de-grande-jogadora-a-vila-do-bbb22> Acesso em 27 de março de 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/jade-picon-perde-600-mil-seguidores-e-e-alcada-ao-posto-de-vila/215947/> Acesso em 27 de março de 2022.

⁶² Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/confinados-repercutem-discurso-de-permanencia-de-jade-picon-apelativo/> Acesso em 27 de março de 2022.

⁶³ Disponível em: <https://twitter.com/multishow/status/1501027506274672644?s=20&t=uyHwahijAJebXIFpqEEgug> Acesso em 27 de março de 2022.

Além desse ponto, Jade fez questão de retrucar quando Gustavo começou seu discurso parabenizando-a por ter conseguido a independência financeira aos 20 anos – ao que ela corrigiu que foi aos 13. O intuito do jogador parecia ser mostrar que o dinheiro de cada um fora da casa – ou que seria feito com o prêmio – não deveria importar ali dentro. Para a internet, Jade virou piada quando corrigiu a idade de sua independência financeira, pois nasceu em uma família rica. A declaração levantou questões sobre privilégios e desigualdade social, mas a maioria das postagens nas redes apenas encaravam como mais um meme⁶⁴.

Imagem 11 – Captura de postagem sobre meme de Jade Picon



Fonte: Twitter (Rede Social)⁶⁵

A porcentagem de Jade Picon foi alta, 84,93%, mas não foi a maior até o momento, mesmo para a “vilã” da edição. Em conjunto, a influenciadora garantiu mais de 4 milhões de novos seguidores no Instagram até a sua saída⁶⁶. A imagem dela foi estremeçada, mas sua reputação não foi alvo de cancelamento. Jade é uma jovem branca. Isso nos diz alguma coisa?

O segundo exemplo foi a partir da presença da artista Linn da Quebrada, ou Lina, a

⁶⁴ Imagem, ideia, vídeo ou qualquer informação que acaba se popularizando entre os usuários da internet. Normalmente, o meme está relacionado com o humor.

⁶⁵ Disponível em: <https://twitter.com/UOL/status/150124468458433317> Acesso em 27 de março de 2022.

⁶⁶ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/bbb/2022/01/14940524-bbb-22-jade-picon-lidera-ranking-de-seguidores-no-reality-show-veja-lista.html> Acesso em 27 de março de 2022.

primeira travesti a participar de uma edição brasileira do programa⁶⁷. A cantora deixou bem evidenciado, no ao vivo e conversando com os *brothers*, que deve ser tratada por pronomes femininos. Lina, até mesmo, tem um “ela” tatuado em seu rosto para não existir dúvidas na hora de chamá-la. No entanto, uma companheira da casa trocou os pronomes e chamaram ela de “ele”⁶⁸ e não foi uma situação isolada⁶⁹.

Em outra situação, um participante usou o termo “traveco” para se referir às travestis⁷⁰ e foi criticado pelos outros ocupantes da casa que sugeriram que ele fosse conversar com a cantora para entender mais sobre o porquê de ser errado usar essa forma de referência. Os dois jogadores foram criticados pelas redes sociais, mas o “cancelamento” deles (que são do grupo pipoca, ou seja, não eram famosos antes do BBB) não chegou nem perto do nível de ódio destilado à figura de Karol Conká.

As situações de Jade e dos que erraram os pronomes de Lina eram diferentes, claro, mas a questão também pode ser encarada em uma estética racista: todos eles são brancos e dentro dos padrões impostos pela sociedade.

Como destaca Silva (2022), “o perdão para uma mulher negra vem com mais dificuldade (quando vem), e ambas [Lumena Aleluia e Karol Conká] seguem buscando reconstruir suas imagens diante do público”⁷¹.

Como a própria cantora comenta⁷², não é uma questão de apontar o racismo intrínseco em sua situação como uma muleta para escapar de ser julgada por suas ações, mas sim de entender a motivação por trás do cancelamento. Não à toa, o “Gabinete do ódio” (apelido do grupo formado por Karol, Nego Di, Projota e Lumena, todos pretos, já que eles protagonizaram muitas das discórdias da edição e foram classificados como “canceladores” dentro da casa) era tão evidenciado e colocado, mesmo pela edição dos *takes* que passavam ao vivo, como os vilões do programa em oposição ao “G3” (formado por Juliette Freire, Sarah Andrade e Gilberto Nogueira), os heróis da edição.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/bbb-22-linn-da-quebrada> Acesso em 28 de março de 2022.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/20/eslovenia-chama-linn-da-quebrada-de-elo-no-bbb-22.htm> Acesso em 28 de março de 2022.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/bbb22-eslovenia-chama-linn-da-quebrada-de-amigo-e-cantora-se-irrita> Acesso em 28 de março de 2022.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/01/21/bbb-22-por-que-o-termo-traveco-e-pejorativo-e-nao-deve-ser-usado.htm> Acesso em 28 de março de 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/2022/01/14/opiniao-por-que-considero-o-big-brother-uma-maquina-de-moer-gente-preta.htm> Acesso em 28 de março de 2022.

⁷² Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/karol-conka-e-a-cultura-racista-do-cancelamento-tiveram-muitos-viloes/> Acesso em 28 de março de 2022.

Essa criação de “mini novelas” pela produção na hora de montar o que passa para o público do sofá (aqueles que não acompanham o programa pelas redes sociais) colabora na divisão de opiniões e na separação dos núcleos entre bem e mal.

A produção do BBB procura transmitir a ideia de um programa para o povo, que é construído dia a dia com ele, a partir de suas intervenções no curso da história. Além disso, baseia-se no que é conhecido pelo grande público, situações e formatos já internalizados que facilitam uma aproximação com o conteúdo do reality. Em uma dose mais elevada do que nas telenovelas, a interação no *Big Brother* se faz presente nos pequenos detalhes a cada semana, que serão fundamentais para decidir quem será o – suposto – merecedor do prêmio milionário. Na intenção de atrair a audiência, a edição irá explorar a imagem dos participantes, dando ênfase às brigas, às relações amorosas e, principalmente, à construção de vilões e heróis, pois quanto mais houver a presença destas “figurinhas carimbadas”, mais interessante o jogo poderá se tornar para o telespectador. (SORGINE, 2017, p. 64)

Imagem 12 – Montagem da produção do BBB mostrando os heróis da edição, o G3, em oposição aos vilões do “Gabinete do ódio”



Fonte: Rede Globo/Reprodução

4 A VIDA DEPOIS DO TOMBO E SUAS ESTRATÉGIAS DE ASSESSORIA DE IMPRENSA

Como explica Forni (2013, p. 53), “quanto mais visíveis se tornam as pessoas públicas [...] mais vulneráveis também ficam”. Em um programa como o *Big Brother Brasil*, um reality show com câmeras transmitindo 24 horas por dia e 7 dias por semana, criando uma novela da vida real, os problemas se amplificam. Os participantes são personagens de uma história contada pela produção. O público, mais do que apenas espectador, é uma audiência com o poder de decidir quem sai a cada semana e, por que não, de julgar da forma como acha conveniente as ações televisionadas. A crise, como diz Rosa (2001, p. 34), “é um sintoma do sucesso”.

4.1 “Buscando luz mesmo não tendo sol”⁷³

“Qualquer coisa negativa que escape ao controle da empresa e ganhe visibilidade tem potencial para detonar uma crise” (LOPES apud FORNI, 2016, p. 387). As ações de Karol Conká dentro do confinamento geraram uma crise de imagem e, conseqüentemente, reputação, fazendo com que a assessoria de imprensa e sua equipe precisasse direcionar suas atitudes para amenizar os danos a sua carreira fora da casa.

Como discorrem Duarte e Faria (2014, p. 357), é imprescindível estabelecer uma boa relação com a mídia — nesse caso, não apenas com a imprensa, mas também com as redes sociais — e “aproveitar cada oportunidade de interação para transmitir com segurança e precisão informações à sociedade e garantir uma correta percepção” do que realmente a instituição (a artista) é.

Tentando acompanhar a rapidez com que os eventos aconteciam, bem como as demandas de um posicionamento vindas das redes sociais, a assessoria da cantora tentou seguir o que Forni (2016) entende como a primeira reação para uma crise: assumir o controle da situação. Por isso, eles fizeram um primeiro pronunciamento via Twitter, quando Karol expulsou o participante Lucas da mesa.

⁷³ Trecho da música Dilúvio (2021) de Karol Conká.

Imagem 13 – Capturas de tela de comunicado da equipe de Karol Conká no Twitter

Karol Conká @Karolconka

Bora bater um papo?!

Sabemos que o BBB é uns dos programas que mais geram comoção nas pessoas, e conseqüentemente o sentimento de amor e ódio é também exponenciado. Alias, produtos narrativos que envolvem espectadores, possuem um grande poder de gerar debates no mundo real.

7:45 PM · 1 de fev de 2021 · Twitter Web App

245 Retweets · 9.509 Tweets com comentário · 5.205 Curtidas

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

Em resposta a @Karolconka

Como, por exemplo, novelas da Globo que tratam de temas sociais importantes, podemos citar Mulheres Apaixonadas que tinha uma personagem que apanhava do marido e em consequência aumentou muito as denúncias contra a violência.

524 · 765 · 706

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

O BBB gera também debates extremamente importantes para nossa sociedade, pois o assunto é discutido com uma enorme visibilidade e audiência. Há de fato uma responsabilidade social ao entrar na casa.

215 · 93 · 625

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

Portanto, é normal o público amar e detestar o participante perante as suas atitudes, falas e posicionamentos dentro do jogo. Julgamos os participantes, mudando de opinião e de favs a cada fato novo. O problema começa quando isso ocorre de forma indiscriminada em nossa sociedade.

509 · 241 · 645

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

Por isso, o nosso papel aqui é falar sobre a Karol Conká e o seu momento no BBB. É compreensível toda a revolta por suas falas, ações e pelo modo como tem se posicionado, no entanto isso está ultrapassando todos os limites de um cancelamento também.

1,6 mil · 2,9 mil · 1 mil

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

Em um tsunami de situações, o ódio está evidente, são chuvas de ataques desproporcionais que até então não vimos com quase nenhum participantes de edições passadas, que tiveram erros pesados tanto quanto a Karol Conká, diga-se de passagem.

2 mil · 2,2 mil · 1,2 mil

Karol Conká @Karolconka · 1 de fev

São direcionadas a Karol Conká ameaças, agressões físicas, xingamentos e até mentiras de falas que não existiram em perfis do Twitter que querem ganhar like ...

491 · 680 · 828



Fonte: Twitter (Rede Social) ⁷⁴

A principal ideia parecia expor a cultura do cancelamento e ressaltar o quanto atacar a figura da cantora era “fácil” por ela ser uma mulher preta que vinha recebendo xingamentos machistas e racistas – as atitudes de Karol Conká abriram precedente para que as pessoas intensificassem os preconceitos. A equipe tentou deixar claro que a questão não era defender as declarações da cantora, mas denunciar as proporções dos ataques sofridos que estavam indo além do “desgosto” ligado ao programa.

No entanto, o comunicado via redes não foi tão bem recebido pelo público que já tinha decidido que as atitudes de Karol não mereciam justificativa. A exposição negativa, iniciada pelas atitudes da rapper dentro da casa e alimentada pelas mídias e redes, já estava tomando grandes proporções. E, essa situação, acaba por comprometer todo o trabalho de construção — no caso, reparação — de imagem.

⁷⁴ Disponível em <https://twitter.com/Karolconka/status/1356373013453795328> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

Imagem 14 – Captura de tela de repercussão da nota da equipe de Karol no Twitter



Fonte: Twitter (Rede Social) ⁷⁵

A equipe não podia ignorar a crise e o que estava acontecendo, principalmente porque a família da artista estava sofrendo as consequências fora do confinamento. O Twitter parece ter sido a ferramenta escolhida para gerenciar a comunicação entre equipe e audiência. De acordo com Recuero (2009), “essa rede parece ter um papel mais forte na difusão de informações. Talvez porque tenhamos mais atenção concentrada no Twitter, talvez porque a estrutura da ferramenta proporcione um feedback mais rápido”.⁷⁶

Foram feitas diversas tentativas, através desse meio de comunicação, de conversar com o público que ainda acompanhava a rapper ou, até mesmo, com aquele que buscava suas redes numa tentativa de entender qual seria o posicionamento dos que trabalhavam com ela vendo as atitudes tomadas no programa. A equipe por vezes foi questionada se estava oferecendo suporte aos familiares de Lucas Penteadado, quem o público considerou como o alvo principal da cantora na casa.

⁷⁵ Disponível em: <https://twitter.com/mdavidmacedo/status/1356378087559225345> Acesso em 28 de março de 2022.

⁷⁶ COELHO, T. F. **Twitter: como uma nova mídia modificou a rotina produtiva de jornalistas em Teresina.** In: CONGRESSO NACIONAL LITERACIA, MEDIA E CIDADANIA, 1., 2011, Braga. Anais. Braga: Universidade do Minho, 2011. p. 505513. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/panam/pdf/GT6_Trab3_Orlando.pdf Acesso em 28 de março de 2022.

Imagem 15 – Captura de tela do Twitter de Karol Conká



Fonte: Twitter (Rede Social) ⁷⁷⁸

No entanto, a tríade cognitiva do cancelamento, como apresentam José e Rocha (2021, p. 41) já estava montada. De acordo com os autores, existem três fases, conscientes ou não, para se cancelar alguém: a primeira delas, a “fase informativa”, corresponde a uma visão inicial dos fatos, uma leitura feita do acontecimento e dos sentimentos gerados por ele. A segunda fase, a do “julgamento”, deve ser compreendida como uma visão interna, em que o indivíduo olha para os próprios sentidos de justiça e moral, ou seja, o público vai debater internamente se irá ou não julgar a atitude.

E, por último, a “fase executória”, em que o foco é o alvo do cancelamento. Ele já foi condenado pela fase anterior, nesse momento, o que vai ser resolvida é a forma de punição, a intensidade dos ataques, a quem eles serão estendidos, tudo isso levando em conta todas as emoções que a ação do cancelado provocaram. O limite para o cancelamento não parece existir.

Karol Conká, ainda dentro do programa, já estava na “fase executória”. Sua eliminação era uma vontade coletiva do público, mas apenas a saída não parecia o suficiente. A condenação afetou sua carreira, atingiu a mãe e o filho e chegou à instância das ameaças físicas.

⁷⁷ Disponível em: <https://twitter.com/Karolconka/status/1356388565257748481> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

⁷⁸ Disponível em: <https://twitter.com/Karolconka/status/1356384395435868168> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

Imagem 16 – Captura de tela do Twitter de Karol Conká



Fonte: Twitter (Rede Social)⁷⁹

“A reputação transita sob esse fio tênue entre o amor e o ódio. Se por um descuido ou incompetência a corporação escorregou, vai levar anos para ela recuperar o ativo que perdeu por estratégias erradas” (FORNI, 2013, p. 53). Nas redes, a equipe da cantora tentou ao máximo conter os – “estilhaços” das pedradas⁸⁰ que não conseguiam controlar – que eram as declarações e atitudes da cantora que ainda estava confinada.

⁷⁹ Disponível em: <https://twitter.com/Karolconka/status/1356388955642560512> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

⁸⁰ A “teoria da vidraça” apresentada por Rosa (2001, p. 155) entende os estágios de uma crise de imagem. A “pedrada” é o fato bombástico, o choque forte inicial. O “estilhaço” é o barulho provocado pela pedra no vidro e deve ser entendido como a repercussão dos acontecimentos.

Imagem 17 – Captura de tela do Twitter de Karol Conká



Fonte: Twitter (Rede Social) ⁸¹

4.2 “Só mais um dia de luta. Depois o dilúvio”⁸²

Para entender um pouco melhor sobre as táticas usadas para administrar a situação de Karol Conká, uma entrevista fechada foi feita com a assessora de imprensa atual da rapper Mônica Charoux por e-mail (disponível no apêndice A)⁸³. A profissional de mais de 20 anos de carreira assumiu a assessoria apenas após a saída da artista da casa e conseguiu responder a algumas das perguntas feitas. Chegamos a tentar contato com Isabel Rezende, que parecia ser a chefe da equipe de assessoria da cantora durante o programa, mas não tivemos retorno.

De acordo com Charoux,

em termos genéricos, a estratégia foi, na realidade, tentar trazer mais profundidade para a discussão do porquê o cancelamento é um fenômeno muito binário. O julgamento das redes é meio maniqueísta, é vilão e mocinha, algoz e vítima. Primeiro, a gente entendeu que era importante que o público tivesse uma dimensão mais realista e mais profunda sobre as dinâmicas. Sobre tudo que tinha acontecido e estava acontecendo com a Karol. (CHAROUX, 2021)

O debate sobre cancelamento, de fato, estava bastante em alta durante a 21ª edição do programa. Essa estratégia de sempre conversar sobre o assunto, de se mostrar aberto ao debate – feito de forma saudável –, podia não resolver a crise de imagem de Karol Conká, mas como explica Forni (2013, p. 138), ajudou a sustentar o que restava da credibilidade da cantora junto aos que lhe seguiam. “A base de uma mensagem de crise, sobretudo se houve danos a pessoas, é sentimento de solidariedade, [...] a transmissão de confiança. É preciso manifestar preocupação e consideração pelo que aconteceu”.

O Twitter, como comentado anteriormente, é uma rede mais imediatista e acaba por

⁸¹ Disponível em: <https://twitter.com/Karolconka/status/1357008446286163973> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

⁸² Trecho da música Dilúvio (2021) de Karol Conká.

⁸³ Entrevista concedida à autora, por e-mail, em 23 de novembro de 2021.

alcançar mais pessoas. Talvez, por esse motivo, apenas o perfil do Instagram da cantora tenha tido suas respostas às postagens limitadas, em uma tentativa de reduzir o ódio destinado a ela – que aumentou bastante quando Karol ganhou a prova do líder (11/02/2021) e garantiu mais uma semana na casa. De acordo com o jornal Extra, no Twitter não houve limitações, porque “os administradores do perfil de Karol Conká *estavam* assumindo uma postura mais debochada, para tentar atrair novos fãs”.⁸⁴

Na relação com a imprensa, mesmo sendo uma das máximas da assessoria de imprensa a manutenção do bom relacionamento com o outro lado do balcão, a equipe de Karol Conká não foi procurada para que pudesse rebater algumas das notícias falsas que surgiram, como a possibilidade de perder quase R\$5 milhões⁸⁵. Charoux aponta que a equipe avaliava caso a caso o que ia saindo na mídia para, a partir daí, entender como proceder.

A gente avaliava caso a caso quando surgia alguma *fake news*. Víamos se eram veículos, formadores de opinião ou jornalistas que nós entendíamos que estavam, de fato, abertos a ouvir o outro lado. Se eles estavam dispostos a ter uma abordagem séria e profissional da questão ou se eram espaços e pessoas que estavam entrando mais nessa dinâmica/batalha pela audiência, pelos cliques. Dessa forma, ao avaliar aqueles que sim tinham uma abordagem mais consistente, pontualmente nós entramos em contato para sinalizar o que procedia ou não na informação. E, em outros casos, simplesmente a gente aproveitava oportunidades de entrevistas, seja da Karol, seja da empresária dela. Quando existia, naturalmente, a solicitação, um interesse de falar, nós usávamos essas oportunidades para colocar a verdade dos fatos. (CHAROUX, 2021)

Na noite de 23 de fevereiro de 2021, Karol Conká após disputar um paredão triplo, de mais de 200 milhões de votos, com Gilberto Nogueira e Arthur Picoli foi eliminada com 99,17%. O dia da eliminação movimentou o Brasil todo, com comércios se aproveitando de sua figura para aumentar o engajamento ou promover aglomerações para assistir ao acontecimento. Parecia uma final de Copa do Mundo.

Sua saída, esperada pelo público, gerou mais uma polêmica. Depois dos resultados, no tempo em que ela saía da casa e ia conversar com Tiago Leifert, o apresentador do programa, foi feito um intervalo grande e a cantora surge tranquila com sua eliminação. Muitos questionaram nas redes sociais se ela tinha sido orientada por sua assessoria durante esse curto

⁸⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/perfil-de-karol-conka-do-bbb21-limita-comentarios-na-web-comemoracao-da-lider-tem-9-mensagens-rv1-1-24880337.html> Acesso em 29 de março de 2022.

⁸⁵ Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/02/karol-conka-pode-perder-ate-r-5-milhoes-com-polemica-no-big-brother-brasil/> Acesso em 29 de março de 2022.

tempo⁸⁶, mas de acordo com Leifert, o intervalo só foi feito para vender⁸⁷. Justamente pela alta audiência naquele dia, muitas marcas compraram espaço no comercial. Se ela foi orientada, ninguém sabe, já que a assessora não respondeu a essa pergunta. Mas a operação “para melhorar a imagem da cantora”, agora com a ativa participação dela, começou a partir dali, já que Karol parecia bastante conformada com a saída e compreendendo os motivos que a levaram à eliminação.

Seguindo, novamente, os ensinamentos de Forni (2013, p. 138), Karol Conká – que provavelmente já tem alguns anos de media training para saber como se portar em uma situação que seja desfavorável a sua figura – seguiu o que se espera para uma gestão de crise: “abertura, velocidade e intelegibilidade”, ou seja, se propôs a dar à audiência aquilo que ela gostaria que fosse guardado da crise e que no dia seguinte a mídia publicasse com certo destaque.

Eu me perdi dentro de mim. E me senti muito frustrada. Nunca imaginei que eu fosse dar uma surtada assim no programa. Realmente quando a gente entra na casa é tudo muito louco. Eu percebi que eu tenho um grande problema com animosidade. Eu já sabia disso, mas eu não sabia que era tão forte assim. Eu descobri isso na casa. Tanto que eu falei que se eu sáísse eu ia direto para a terapia para consertar isso. Perdão, Brasil! Perdão a todo mundo que se sentiu atingido por esse meu erro, essa minha falha de personalidade. Preciso arrumar isso. E sou muito grata por participar desse programa porque só assim para eu aprender, para eu enxergar com olhos mais abertos.⁸⁸

Depois desse primeiro contato fora da casa, que serviu como espaço para assumir os erros, mostrando verdade e preocupação com seus compromissos, Karol apareceu nos programas Mais Você, Faustão e no Fantástico – no quadro Show da Vida -, cumprindo a agenda dos participantes eliminados do *reality* com os dois primeiros. A partir da saída de Conká, exceto por Lumena Aleluia, os *brothers* tiveram o programa dominical adicionado a sua lista de atrações globais. De acordo com a coluna do Leo Dias, eles ganharam espaço para ajudar na reversão das possíveis crises de imagem.⁸⁹

No café da manhã com Ana Maria Braga (24/02/2021), a rapper usou a entrevista para reconhecer suas falhas dentro do BBB e para se desculpar, pedindo ao público que não atacasse seus familiares, que não reproduzisse as atitudes que criticaram.

⁸⁶ Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/24/apos-eliminacao-de-karol-conka-assessoria-da-rapper-e-destaque-nas-redes.htm> Acesso em 29 de março de 2022.

⁸⁷ Disponível em: <https://br.paipee.com/2021/05/07/bbb-21-tiago-leifert-desmente-teoria-envolvendo-a-saida-de-karol-conka/> Acesso em 29 de março de 2022.

⁸⁸ Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/casa-bbb/noticia/tiago-leifert-conversa-com-karol-conka-quarta-eliminada-do-bbb21.ghtml> Acesso em 29 de março de 2022.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/eliminados-do-bbb21-ganham-espaco-no-faustao-para-recuperar-imagem> Acesso em 29 de março de 2022.

Eu me arrependi de ter entrado, mas acho que a minha família não merece esse apedrejamento, todo esse tratamento hostil que está recebendo. O erro foi meu. Estão me apedrejando por eu ter agido de uma forma ruim na casa e agem assim com o meu filho, minha mãe, aqui fora. Eu assumo que perdi o controle, eu não sou assim, e o que posso levar de positivo é a sanidade de saber que preciso procurar ajuda psiquiátrica.⁹⁰

Esse apelo da cantora pela família está em bastante consonância com o que comenta a assessora Mônica Charoux. De acordo ela, “não houve uma tentativa de blindar o Jorge e a mãe da Karol” durante a estadia no programa ou após. Tudo o que foi feito foi uma “continuidade das escolhas e da conduta” da cantora que “sempre preservou um pouco mais a vida familiar”.

Na entrevista com o apresentador Fausto Silva (28/02/2021), a rapper, além de ressaltar as questões psicológicas pelas quais passou durante o confinamento e que a fizeram agir da forma como se comportou, também falou que não se considerava cancelada e que entendia o ódio coletivo gerado, mas que não poderia deixar limitarem sua personalidade, vida e carreira ao tempo que passou na casa. Ao mesmo tempo, a cantora também comentou que não poderia e nem achava certo aparecer “definhando” para o público a fim de mostrar que errou.

Também não admito aparecer para o público definhando num erro que posso arrumar. Da mesma forma que o público repudiou minha atitude dentro da casa sendo áspera, acho que não podem ser tão áspers assim comigo. Pessoas que falam de empatia e acabam fazendo linchamento em cima de uma pessoa que nem sabia o que estava fazendo direito na casa... Não estou me posicionando como vítima, mas não cometi um crime a ponto de ser tratada dessa forma.⁹¹

Para o Show da Vida do programa Fantástico (28/02/2021), a entrevista que foi feita no estúdio da rapper em São Paulo, trouxe um pouco do passado da cantora à tona e, lidando com a situação de crise dela, a conversa que foi ao ar pareceu ser uma forma de mostrar ao público que Karol Conká não se resumia às atitudes e dias de confinamento. Existia muito mais profundidade e que ela sabia que tinha errado feio.⁹²

Seguindo a lógica de Forni (2013), foi importante a rapper não ter demonstrado medo na hora de se desculpar e se mostrar aberta ao diálogo e a cuidar da própria saúde mental. Agir de forma agressiva só teria piorado a situação e gerado revolta do público. Usar o espaço das entrevistas parecia a principal estratégia da assessoria para lidar com a crise.

Mas a equipe de assessoria não faz nada sozinha. E a Rede Globo, como conta Charoux,

⁹⁰ Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/mais-voce/noticia/karol-conka-diz-que-e-a-nova-carminha-a-nova-nazare.ghtml> Acesso em 29 de março de 2022.

⁹¹ Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/noticia/karol-conka-diz-se-arrepende-de-atitudes-no-bbb-e-admite-se-eu-pudesse-voltar-teria-entrado-com-tratamento-psiquiatrico.ghtml> Acesso em 29 de março de 2022.

⁹² Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/03/01/karol-conka-no-bbb21-veja-o-que-a-cantora-falou-sobre-seus-30-dias-no-reality.ghtml> Acesso em 29 de março de 2022.

surgiu com a ideia de fazer a série documental, “A vida depois do tombo”, mostrando a passagem da cantora pelo reality e os desdobramentos a partir disso. A emissora teve “total independência no roteiro” e, além disso, a produção “aconteceu de maneira automática, quase em questão de dias. Algumas imagens já foram captadas na eliminação e o contrato foi assinado logo na sequência, com a produção durando uns dois meses até ser finalizada e ir ao ar” (CHAROUX, 2021).

A profissional ressalta, ainda, que essa chance dada era “uma oportunidade de apresentar com mais profundidade e humanidade, de maneira multidimensional” a figura da artista, para além “do personagem que foi retratado no BBB” e que a equipe “entende que foram bem sucedidos nisso”. Os números, certamente, não mentem: a série, dirigida por Patrícia Carvalho e Patricia Cupello e lançada na plataforma de streaming Globoplay em 29 de abril de 2021, atingiu, já na estreia, “recorde histórico de consumo em um único dia. A produção acumulou 716 mil horas assistidas no dia de estreia”.⁹³

Em quatro episódios que contabilizam 1h52 minutos de documentário, Karol Conká revisita algumas cenas do confinamento e reflete sobre o que passou tanto dentro da casa, quanto em sua vida anterior. A série acompanha a cantora desde a saída do programa e mostra como ela teve que, por exemplo, ir de carro do Rio de Janeiro a São Paulo por medo de ser hostilizada no aeroporto.

“A vida depois do tombo” apresenta ao público a infância da cantora, sua relação com o pai que é apontada como um dos principais gatilhos dela e mostra como a curitibana chegou ao reconhecimento. Para que Karol conversasse com os antigos participantes do confinamento, Acrebiano Araújo e Carla Diaz foram convidados a participar, mas não aceitaram. Lucas Penteadado acabou por preferir não encontrar com Conká ao vivo, disse não estar pronto ainda, mas lhe enviou um vídeo em que, entre outras coisas, declama a ela uma poesia e diz que “se ela tem que falar alguma coisa com alguém, não é com ele, é com Deus” e pede que a artista “converse com Ele”.⁹⁴ Lumena foi a única que compareceu e junto de Karol, elas refletiram “nós erramos muito”⁹⁵.

A produção dividiu opiniões dos espectadores, mas cumpriu seu papel de oferecer mais pano de fundo para a história da cantora. Durante o tempo entre a saída da casa do BBB, após

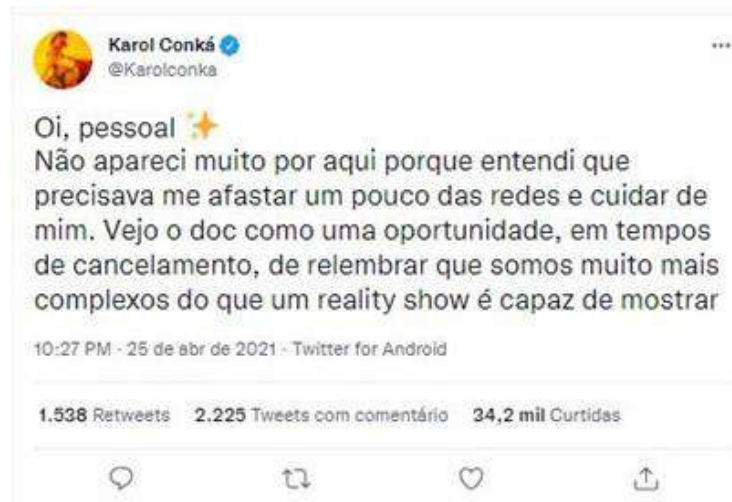
⁹³ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/serie-de-karol-conka-e-vista-durante-716-mil-horas-e-bate-recorde-no-globoplay-56569?cpid=txt> Acesso em 30 de março de 2022.

⁹⁴ Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/karol-conka-se-emociona-ao-ver-recado-de-lucas-em-a-vida-depois-do-tombo/> Acesso em 30 de março de 2022.

⁹⁵ Disponível em: <https://caras.uol.com.br/tv/lumena-e-karol-conka-se-reencontram-em-documentario-a-gente-errou-muito.phtml> Acesso em 30 de março de 2022.

a participação da rapper nos programas globais, e o lançamento da série, Karol Conká se manteve afastada das mídias sociais, cuidando, como ela reforçou, da própria saúde mental. No entanto, alguns dias antes do lançamento de “A vida depois do tombo”, a cantora fez uma postagem em seu perfil no Twitter.

Imagem 18 – Captura de tela do Twitter de Karol Conká voltando às redes



Fonte: Twitter (Rede Social) ⁹⁶

O retorno, de fato, de Conká aconteceu durante a final do BBB21 (04/05/2021), em que ela foi convidada a se apresentar e cantou seu lançamento da época, Dilúvio. A cantora que vinha sendo cancelada, após apresentação, teve um aumento de 978% na plataforma *Deezer* (streaming de música).⁹⁷ Além disso, sua nova aparência também foi bastante comentada.

⁹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/Karolconka/status/1386492203514609665> Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

⁹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/05/07/karol-conka-cresce-978percent-em-streaming-apos-lancamento-de-diluvio.ghtml> Acesso em 30 de março de 2022.

Imagem 19 – Fotos dos estilos adotados por Karol Conká (antes e após o BBB21)



Fonte: Google

A primeira foto é de 2018, da época de seu clipe “Vogue do Gueto” e a segunda foi o look escolhido para a final do programa. Como destaca reportagem da Marie Claire, “o *sidecut*⁹⁸ deu lugar a madeixas loiras cacheadas e os icônicos looks ousados e com cores fortes foram substituídos por cores suaves como o azul predominando nas peças”. Mas não apenas a escolha das vestimentas se alterou. “Antes, Karol arrasava com batons escuros e traços fortes, contrastando agora com uma nova paleta de cores focada nos nudes, no dourado, com sombras leves e, no máximo, um pouco de cor nos lábios”.⁹⁹

De acordo com o estilista responsável pela mudança de visual, Dario Mittmann, essa transição tinha a ver com a divulgação do single e do álbum Dilúvio, uma nova “era” para a ela. “Com um álbum vem uma identidade visual nova trabalhada pela artista e isso inclui os looks. Ao contrário do que muita gente pensa, a gente não entra numa sala de reunião secreta e fica bolando planos mirabolantes”, pontua.¹⁰⁰

No entanto, as mídias entenderam essa “suavizada” de look como uma estratégia de gerenciamento de imagem. Como analisa a professora de marketing da Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas, Mariana Munis, em entrevista, “cores claras trazem proximidade e doçura. Azul claro reforça uma mensagem de confiança, honestidade e

⁹⁸ Corte de cabelo em que se raspa a lateral.

⁹⁹Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2021/05/nova-era-o-que-sabemos-sobre-o-novo-visual-de-karol-conka.html> Acesso em 31 de março de 2022.

¹⁰⁰Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2021/05/nova-era-o-que-sabemos-sobre-o-novo-visual-de-karol-conka.html> Acesso em 31 de março de 2022.

estabilidade que a Karol precisa transparecer nesse momento de crise”.¹⁰¹

Além da questão visual, Karol Conká trouxe para suas redes sociais uma comunicação ainda mais direta com seu público e condizente com o seu “novo momento” de autorreflexão: a criação da série audiovisual *Vem K* em seu Instagram, cuja primeira temporada abordaria temas relacionados à saúde mental. De acordo com o release oficial, o projeto conta com seis episódios liberados no IGTV da cantora em que ela entrevista profissionais ligados à área.

A primeira temporada do *Vem K* tratará do conceito de saúde mental, quais são as abordagens disponíveis, aspectos relacionados a acolhimento, ansiedade, os efeitos da pandemia, e relações raciais e saúde mental. Com consultoria técnica de Leonardo Goldberg, *Vem K* conta com a participação de 9 renomados profissionais das áreas de psicanálise e psiquiatria, dos quais são 6 negros. (ANEXO A)

Do ponto de vista da gestão de crise, as ações da equipe foram bem trabalhadas e alcançaram seu objetivo de melhorar a imagem da cantora. No presente momento, Karol Conká conta com mais de 1,8 milhões de seguidores e seu perfil na rede deixou de limitar os comentários nas fotografias. Os conteúdos da época da participação no *Big Brother Brasil* foram apagados da rede, mas permanecem disponíveis no Twitter, com todas as suas repercussões.

É imprescindível pontuar que o cancelamento de Karol foi o cancelamento de uma mulher preta e que o racismo e o machismo estavam intrínsecos em muitos comentários odiosos destilados. No entanto, a assessora de imprensa traz, também, uma leitura sobre a situação que remete a outras características da artista e que destacam essa posição de poder e força que a rapper sempre tratou de impor.

Eu acho que independentemente da questão racial, a figura da Karol é uma figura marcante, uma figura que prefere pedir desculpas do que pedir licença. Ela também tem esse traço naturalmente irreverente, irônico, da “língua de chicote”, então é natural que uma figura como ela atraia mais atenção e também, eventualmente, uma resposta mais polarizada. Existiam, também no programa, outros personagens que eram negros, mas que tinham uma persona, uma maneira de se apresentar mais suave. (CHAROUX, 2021)

Charoux explica que a equipe foi procurada por veículos mais pautados na questão racial e que “acolheram alguns deles por entender que poderiam oferecer oportunidades para a artista debater o que aconteceu com mais profundidade”. Mas, a assessora afirma que, ainda assim, “nenhuma medida legal foi tomada contra os ataques sofridos pela cantora” (CHAROUX, 2021).

¹⁰¹ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2021/05/12/novo-visual-de-karol-conka-pode-ajudar-em-gestao-de-crise--163847.php> Acesso em 31 de março de 2022.

Em uma edição com o maior número de participantes autodeclarados pretos, a rejeição da maioria deles foi bem significativa. Como observa Bentes (2021, *online*),

Sem dúvida esse componente racial está presente quando jovens negros e mulheres negras empoderadas são colocados em uma panela de pressão como o BBB, ainda mais no contexto de uma sociedade com mentalidade escravocrata e patriarcal como a brasileira. Os vacilos e erros individuais desses participantes são generalizados e se tornam justificativa para atitudes racistas.

O ódio nas redes sociais vende e engaja. A cultura do cancelamento movimenta as interações entre os usuários e uma frase bem colocada e que aproveite o *hype*¹⁰² do momento pode viralizar da noite para o dia. Então, a questão no cancelamento de Karol Conká não é apenas discordar das atitudes da rapper durante o programa, mas também usar da moralidade para ganhar *likes*, gerar conteúdo e fomentar o ataque que tanto foi criticado.

A assessora compreende, então, que “o fator racial é subjacente à várias das manifestações negativas de cancelamento, não só em relação a Karol, mas em relação aos outros personagens participantes do *reality*, tanto nessa quanto em outras edições”. (CHAROUX, 2021). No entanto, a profissional considera a personalidade marcante da rapper como um ponto que ajuda a explicar toda a mobilização ao redor do nome dela, não somente o racismo, já que a cantora acabou recebendo mais atenção.

Ela criou claramente um antagonismo com um personagem logo no início e nós sabemos, também, que faz parte da construção de qualquer programa televisivo o desenvolvimento de personagens que possam ajudar a construir um enredo quase que de novela, então, a Karol nesse processo acabou desempenhando, mesmo que não intencionalmente, a vilã do início do programa. (CHAROUX, 2021)

O linchamento de Karol Conká se espalhou rapidamente pelas mídias sociais e isso, certamente, tem a ver, não só com a rapidez das redes, mas também com o fato do *Big Brother* se vender como uma “novela da vida real”. O programa chega na casa das pessoas todas as noites, os espectadores podem consumir conteúdo 24 horas por dia através do streaming. Toda essa proximidade pode acabar por exacerbar os sentimentos dos que assistem e, por que não, suas formas de julgar.

A flexibilização dos valores nas redes acabou evidenciando que a cultura do cancelamento já faz parte da vida de todos. As pessoas julgam de forma feroz sem se importar com o contexto em que foi feita determinada publicação ou fala, pois se acham cada vez mais donas da verdade e buscam influenciar a opinião dos outros. O Tribunal da Internet não só julga, como está sempre com vagas abertas e sem necessidade de concurso público. (JOSÉ; ROCHA, 2021, p.136)

Sendo assim, as posições trocam muito rapidamente e todos os dias. A sede pelo

¹⁰² Assunto que está em alta no momento, que está dando o que falar.

juízo se renova a cada segundo. Hoje você é um cancelador, amanhã está sendo cancelado.

5 CONCLUSÃO

A cultura do cancelamento está bastante presente em nosso cotidiano e, considerando a fama como um ativo que, de uns tempos para cá, se tornou bastante comum, basicamente qualquer artista está sujeito a uma crise de imagem. Sendo assim, esses temas abrem espaço para inúmeras produções acadêmicas e nos oferecem um novo palco para reflexão.

Pensar a perspectiva do que aconteceu com a rapper Karol Conká após sua participação na vigésima edição do *Big Brother* Brasil mostra a fragilidade da reputação e como erros, muitas vezes, são o bastante para ruir, ainda que momentaneamente, uma carreira de anos. As ações da cantora dentro do programa foram julgadas nas redes sociais e os internautas reproduziam para com a figura dela e dos familiares, o ódio e desprezo que tanto julgavam vindos dela na casa. Esse poder dado aos usuários das redes, graças ao anonimato ou apenas pela possibilidade de replicar algo sem um embate físico, é bastante nocivo.

Em contrapartida ao linchamento recebido, a assessoria de imprensa de Karol Conká reforçava a ideia de acolhimento e, através de suas ações, fez valer tal ideia. Principalmente considerando o ódio destilado às pessoas pretas, eles aceitaram os erros da artista, não justificaram e fizeram algo a respeito. Quando a rapper saiu da casa, sua postura estava direcionada ao pedido de desculpas, mas não como todos esperavam que acontecesse. Karol não apareceu sofrendo em suas entrevistas.

Esse ódio compartilhado parece ser, de acordo com o analisado, bastante radical e facilmente espalhado. No entanto, ele não foi o bastante para impedir que as produções com o nome de Karol Conká não fossem consumidas. O engajamento gerado foi tanto que as pessoas simplesmente aproveitavam para “surfar na onda” da situação. Não que elas não pudessem expressar sua reprovação pelas atitudes da cantora no programa, mas a situação alcançou um nível exacerbado e não visto antes.

É importante considerar que o BBB21 foi o primeiro que o Brasil assistiu já imerso totalmente na pandemia da Covid-19, ou seja, as expectativas de entretenimento pareciam altas para compensar, de alguma forma, o momento de incerteza e medo que vivíamos, ainda maior que o de 2022. Sendo assim, com todas as atenções direcionadas ao programa em conjunto com esse confinamento novamente de famosos e anônimos (que pareceu dar certo na edição anterior) é mais fácil entender por que foi tão popular.

Além disso, esse *reality* é uma espécie de novela da vida real. Ou seja, à parte das atitudes da cantora para com os participantes, a edição do programa fez um bom trabalho em dividir vilões e heróis, fazendo com que a opinião da audiência se direcionasse mais ainda.

Para tentar refrear o que acontecia nas redes, a presença da assessoria de imprensa e da equipe, como um todo, foi fundamental. Mesmo que as respostas deles não fossem tão bem aceita pelos usuários das redes, a assessoria tinha a missão de tentar minimizar os danos à imagem da cantora. Com rapidez e a maior eficiência possível tudo foi feito, considerando que muitas das atitudes foram tomadas enquanto a rapper ainda estava confinada no programa. Depois que ela saiu, nos programas que cumpriu graças à agenda da Rede Globo para os eliminados, os efeitos da gestão de crise vieram rápido ao que era a necessidade da sociedade: o pedido de desculpas.

Mas, ainda assim, as redes sociais foram implacáveis e os danos foram bem consideráveis. Perda de contratos, seguidores, participações em festivais. No entanto, é bom observar que a crise de imagem de Karol Conká não foi irreversível, pelo contrário. As ações feitas pela equipe, em somatório com o que foi acordado com a Rede Globo sobre a participação nos diferentes programas da emissora e a série documental “A vida depois do tombo”, foram uma tentativa de “limpar a barra” da reputação quebrada frente ao público e se levantar do cancelamento.

Como visto, a proporção do cancelamento de Karol Conká não pode se desprender do machismo e racismo diários da nossa sociedade. Por ser uma mulher preta, as pessoas acabam esperando que ela não esteja em um espaço de poder e relevância. Como estava, quando praticou atitudes que geraram revolta, o ódio foi mais facilmente direcionado a sua figura. Porque não se espera que mulheres pretas tenham uma segunda chance e que consigam se reerguer. Então, faz bastante sentido que a cantora tentasse – ao se manter impassível, mas consciente de seus erros – manter a compostura e o poder que sempre expressou em suas produções.

A abordagem da crise de imagem da rapper pelo viés da assessoria de imprensa é um tema que, sem dúvidas, não termina aqui. Esse trabalho pode ser entendido como uma introdução à essa reflexão que, se observarmos com mais atenção, se aplica a diversos outros artistas. Afinal, a fama não se limita a uma única pessoa e, com as redes sociais, os famosos têm sua relevância também em seus discursos, não somente em suas áreas de atuação.

Enquanto as redes sociais tiverem força e as pessoas conseguirem se esconder atrás dos seus aparelhos, a cultura do cancelamento tende a crescer e as pessoas seguirão destilando ódio. Ainda se faz bastante necessária uma educação online e a noção de que há sim punição para quem pratica esse linchamento.

Ao final deste trabalho, através de todos os apontamentos, espero ter respondido ao questionamento inicial e que permeou toda essa monografia sobre a seletividade da cultura do cancelamento, se ela realmente existir.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VIDA depois do tombo. Direção: Patrícia Carvalho, Patricia Cupello. Brasil: GloboPlay, 2021

BENTES, Ivana. O Brasil está com ódio do Brasil ou Karol Conká não é Odete Roitman. **Revista Cult**, São Paulo, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/karol-conka-nao-e-odete-roitman/> Acesso em: 04 fev. 2022

CARMO, Rayssa Pinheiro do. **Cultura do cancelamento nas redes sociais digitais: um estudo de caso dos cancelamentos da Gabriela Pugliesi e Karol Conká**. 2021. 36f. Monografia (graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: N-1 edições, 2016.

DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2016.

FORNI, João José. **Gestão de crises e comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

FORNI, João José. Comunicação em tempo de crise. In: DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de Imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2016. p. 387-416.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>. Acesso em: 09 dez 2021.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IGNACIO, Julia. O que é interseccionalidade? **Politize**, 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/> Acesso em: 22 jan. 2022.

JOSÉ, Fernando Elias; ROCHA, Marcelo Hugo da. **Cancelado: a cultura do cancelamento e o prejulgamento nas redes sociais**. Minas Gerais: Letramento, 2021.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.63, pp. 235-241. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/ZxHFxGCqKX4ZZM9rrBqzGhF/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 09 dez 2021.

MARTINELLI, Andréa. Angela Davis: ‘Quando as mulheres negras forem finalmente livres, o mundo será livre’. **Agência Patrícia Galvão**, 21 out. 2019. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/destaques/angela-davis-quando-as-mulheres-negras-forem-finalmente-livres-o-mundo-sera-livre/> Acesso em: 18 dez. 2021.

MIRANDA, Fernando Albuquerque. **A nova novela espetacular: realidade e ficção no Big Brother Brasil**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Juiz de Fora, 15 p., 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0327-1.pdf> Acesso em: 29 dez. 2021.

MORAES, Renata Costa. **Cultura das celebridades: a mídia especializada e o funcionamento da indústria cultural contemporânea**. 2005. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/1369> Acesso em: 22 mar. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 13 jan. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila . **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTANA, Jhyenne Yara Gomes; ANDRADE, Ivanise Hilbig de; SANTOS, Adriana Omena. **O Rap delas: a representação do rap feminino e preto na mídia**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

SANTOS, Jaqueline Sant'ana Martins dos; BRASIL, Natasha Fernandes Mendes. **O grito tem que ser potente: O feminismo negro de MC Carol e Karol Conka**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499430358_ARQUIVO_OGritoTemQueSerPotente.pdf Acesso em: 15 jan. 2021.

SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuêlo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. **A invisibilidade da mulher negra na mídia**. Anais V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades: 10 anos. Sexualidades e relações de gênero: produção e gestão do conhecimento. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30411> . Acesso em: 12 dez. 2021.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos; SANTOS, Jaqueline Lima. **Relação de gênero no cenário do rap no Brasil: mulheres negras e brancas**. In: Anais do primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: encontros e desencontros. São Paulo: 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cjaba/n1/32.pdf> Acesso em: 12 dez. 2021.

SORGINE, Cecília Bittencourt. **Big Brother Brasil: as estratégias narrativas para a construção de heróis e vilões**. Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini. Rio de Janeiro, 62 p., 2017. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ. Monografia em Jornalismo. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/6621> Acesso em: 05 fev. 2021.

7 APÊNDICE A

ENTREVISTA POR E-MAIL COM A ASSESSORA DE IMPRENSA MÔNICA CHAROUX (EM 23 DE NOVEMBRO DE 2021)

- Como vocês trabalharam/trabalham para que a Karol saia da crise?

Então, em termos genéricos, a estratégia foi, na realidade, tentar trazer mais profundidade para a discussão do porquê o cancelamento é um fenômeno muito binário. O julgamento das redes é meio maniqueísta, é vilão e mocinha, algoz e vítima. Primeiro, a gente entendeu que era importante que o público tivesse uma dimensão mais realista e mais profunda sobre as dinâmicas. Sobre tudo que tinha acontecido e estava acontecendo com a Karol.

Depois, que essa comunicação refletisse os processos que a Karol estava vivenciando, pessoalmente e intimamente – que tinham a ver com a tomada de consciência dela sobre a importância de se cuidar, da importância de se buscar ajuda profissional, para apoiar esse tratamento psíquico – surgimos, então, com a importância de comunicar isso também nas oportunidades de exposição que ela tinha. Até, como forma de conscientizar as pessoas sobre um modo mais consistente, comprometido e maduro de lidar com a tomada de consciência sobre erros e sobre como entender sua natureza e crescer a partir deles.

Então, eu acho que, na realidade, a estratégia de comunicação toda foi tentar transmitir com profundidade e com sobriedade qual era a verdade da Karol, escolhendo, sempre, veículos que pudessem tratar de maneira mais profunda e menos sensacionalista toda a passagem dela pela casa e todas as questões e decisões que ela estava tendo na vida pessoal e profissional. Queríamos, de alguma maneira, contribuir pro debate público sobre a questão da saúde mental, a questão do cancelamento, sobre a dinâmica dos *reality* shows e tudo mais.

- Vocês foram procurados pela imprensa para ter a possibilidade de rebater fake news, como a perda de quase R\$5 milhões pela rapper? Como essa dinâmica com os veículos funcionava nesse período?

A gente avaliava caso a caso quando surgia alguma fake news. Víamos se eram veículos, formadores de opinião ou jornalistas que nós entendíamos que estavam, de fato, abertos a ouvir o outro lado. Se eles estavam dispostos a ter uma abordagem séria e profissional da questão ou se eram espaços e pessoas que estavam entrando mais nessa dinâmica/batalha pela audiência, pelos cliques.

Dessa forma, ao avaliar aqueles que sim tinham uma abordagem mais consistente, pontualmente nós entramos em contato para sinalizar o que procedia ou não na informação. E,

em outros casos, simplesmente a gente aproveitava oportunidades de entrevistas, seja da Karol, seja da empresária dela. Quando existia, naturalmente, a solicitação, um interesse de falar, nós usávamos essas oportunidades para colocar a verdade dos fatos.

- De que forma vocês tentaram “blindar” o Jorge e a mãe da Karol? Houve alguma “estratégia” pensada diretamente com esse fim?

Na realidade, a Karol naturalmente sempre preservou um pouco mais a vida familiar e pessoal dela, então não houve uma estratégia pensada especificamente para esse fim. Acabou sendo uma continuidade das escolhas e da conduta dela nesse sentido. Obviamente que ambos ficaram expostos, até porque também participaram do documentário “A vida depois do tombo” e, com as redes sociais hoje, as pessoas podem tentar acessar às pessoas sem a possibilidade de um filtro. Resumindo, não houve uma tentativa de blindar, mas sim, foi a continuidade de uma escolha de conduta da Karol sobre preservar a família dela.

- Qual foi o objetivo de toparam gravar a série “A vida depois do tombo”? De quem partiu a ideia para a série: veio da Globo ou de uma necessidade da assessoria? Como vocês avaliam a recepção do público à série? Ela foi capaz de minimizar os danos à imagem de Karol?

A ideia da série veio da própria Globo. Eles convidaram a Karol para fazer a produção e nós entendemos que era uma oportunidade de apresentá-la com maior profundidade e humanidade, de maneira mais multidimensional e entendemos que fomos bem sucedidos nisso. A Globo nos disse que, à época do documentário, foi o que teve mais audiência na estreia da plataforma da GloboPlay, o que mostra um grande interesse do público na recepção da série.

Sobre se a série foi capaz de minimizar os danos à imagem da Karol, eu acredito que ela ofereceu mais informação, mais dados, para que as pessoas pudessem fazer as suas considerações em relação a ela. O documentário deu oportunidade para que as pessoas pudessem conhecer a Karol para além daquele personagem que foi retratado no BBB.

- Sobre a série “A vida depois do tombo”: o roteiro foi pensado em conjunto com vocês? Como a produção aconteceu?

Sobre o roteiro: ele não foi pensado conjuntamente. A Globo teve total independência nisso e a produção aconteceu de maneira automática, quase em questão de dias. Algumas imagens já foram captadas logo na sua saída da casa e o contrato foi assinado na sequência dela, com a produção durando uns dois meses até ser finalizada e ir ao ar.

- Considerando o racismo estrutural e a Karol ser uma mulher preta, de que forma as estratégias para gerir sua crise de imagem foram pensadas? Vocês buscaram o acolhimento em veículos e portais sobre negritude? Caso não, isso foi considerado?

Na realidade, fomos procurados por alguns canais e tivemos alguns convites. Alguns deles nós acolhemos por entender que eles podiam oferecer oportunidades de a Karol debater com mais profundidade também nesse aspecto, o que seguramente contou para o processo de cancelamento que ela sofreu. A Karol, em várias entrevistas, fosse para veículos com esse viés racial, fosse em entrevistas para veículos mais amplos de alcance mais massivo, também começou a colocar na própria fala pontos de consideração sobre o fator da discriminação e do racismo como elementos que ajudaram a impulsionar o processo de cancelamento.

- Como vocês avaliam o ódio destinado a figura da Karol em uma edição que teve o maior número de participantes pretos?

Eu acho que independentemente da questão racial, a figura da Karol é uma figura marcante, uma figura que prefere pedir desculpas do que pedir licença. Ela também tem esse traço naturalmente irreverente, irônico, da “língua de chicote”, então é natural que uma figura como ela atraia mais atenção e também, eventualmente, uma resposta mais polarizada. Existiam, também no programa, outros personagens que eram negros, mas que tinham uma persona, uma maneira de se apresentar mais suave.

Então, eu entendo que o fator racial é subjacente à várias das manifestações negativas de cancelamento, não só em relação a Karol, mas em relação aos outros personagens participantes do *reality*, tanto nessa quanto em outras edições.

Mas, seguramente, eu acho que a personalidade marcante da Karol é o que talvez explique, inicialmente, porque ela recebeu mais atenção. Ela criou claramente um antagonismo com um personagem logo no início e nós sabemos, também, que faz parte da construção de qualquer programa televisivo o desenvolvimento de personagens que possam ajudar a construir um enredo quase que de novela, então, a Karol nesse processo acabou desempenhando, mesmo que não intencionalmente, a vilã do início do programa. Isso se apresentou muito cedo, por isso, acho que ajuda a explicar porque tamanha mobilização em torno do nome dela.

- Vocês chegaram a acionar medidas legais para lidar com o tribunal da Internet (com o ódio e o racismo, além dos ataques ao filho e à mãe)?

Não foi tomada nenhuma medida legal.

- A Karol já tinha fãs antes do BBB, como vocês lidaram com o impacto gerado pela participação dela no programa? O que foi “perdido” conseguiu ser recuperado?

Eu diria que a Karol, num primeiro momento, óbvio que sofreu um impacto negativo da participação dela e que resultou numa perda de parte da base de fãs, no que diz respeito às redes sociais. Mas, logo que as pessoas começaram a ver a Karol falando sobre todo o processo, começaram a considerar outros aspectos em relação a participação no BBB, o que ela estava fazendo da participação dela a partir dessa experiência e como ela tava lidando com isso, entendendo que houve bastante empatia.

Então houve uma retomada, uma recuperação dessa base e uma ampliação consistente e crescente. A Karol não explodiu nas redes, ela tem uma base muito sólida nas redes, mas a gente percebe que houve uma ampliação de público, no sentido de pessoas que não conheciam ela antes e que passaram a conhecer por causa do BBB e começaram a descobrir também o trabalho artístico dela, o trabalho musical dela e se foram adicionadas à base de fãs que ela tinha antes do BBB.

- A comunicação com os fãs da Karol foi feita de forma direcionada para cada público ou foi mais genérica, a mesma, para todo mundo?

Essa comunicação foi pensada de maneira genérica em alguns casos e de maneira mais específica em outros. A gente sabe que existe um público muito variado que acompanha a Karol e algumas estratégias que dizem respeito à comunicação digital não passam pela assessoria de imprensa ou pelas relações públicas, que são minhas disciplinas. São feitas com o time digital da Karol. Então não tenho como aprofundar em qual é a lógica, quais os elementos que determinam essa estratégia.

- A criação do “Vem K” foi pensado/estruturado com que objetivo?

Sobre a criação do "Vem K", basicamente, a Karol buscou compartilhar com o público dela a sua descoberta sobre a importância e os ganhos de se buscar ajuda profissional para cuidar da saúde mental. Ela tentou fazer isso de uma maneira acessível e democrática, justificando um assunto sobre o qual ainda se tem muita pouca compreensão, ou mesmo, pelo fato de ser esse tipo de serviço, ainda assim restrito a uma parcela pequena da população, até por uma questão de custo.

PERGUNTAS FEITAS, MAS QUE NÃO FORAM RESPONDIDAS

- A Karol recebeu diversos ataques online durante sua estadia na casa. Em que momento da participação dela, vocês – como assessoria de imprensa – entenderam que precisavam reverter a situação de imagem dela? Quais foram as principais estratégias para isso?
- Como vocês avaliam a entrevista da Karol no dia da eliminação para o Tiago Leifert?
- Saiu na mídia o questionamento de que a Karol tinha sido briefada no intervalo de sua eliminação. Ela realmente foi? Em caso afirmativo, o que foi possível passar em tão pouco tempo? Em caso negativo, o que gostariam de ter dito se tivessem a oportunidade?
- De que forma vocês avaliam o desempenho dela na entrevista com a Ana Clara para o Bate-papo BBB? Algum posicionamento da entrevistadora foi solicitado para essa entrevista?
- De que modo vocês avaliam a entrevista com a Ana Maria na manhã seguinte? O que foi passado para a Karol antes dela chegar ao programa?
- Como vocês costumam prepará-la para as entrevistas e programas? Essa “preparação” mudou depois dos acontecimentos do BBB 21?
- Os comentários nas postagens do Instagram foram limitados – salvo engano – a partir do dia 11/02/2021, data em que a Karol ganhou a liderança. No entanto, o mesmo não aconteceu no Twitter. Por que isso foi feito?
- Se analisarmos o perfil do Instagram da Karol, o único post que se mantém da época do BBB é o do dia 24/02 sobre a participação dela no “A eliminação”. Por qual motivo as outras postagens foram deletadas? No Twitter, os posts da mesma época permanecem. Por quê?
- Na série “A vida depois do tombo” Karol fala sobre roupas – ela também comenta sobre o assunto na entrevista com o Faustão (28/2). Ela comenta sobre precisar aparecer “definindo” na frente das câmeras para que as pessoas acreditem no arrependimento. Depois de sua saída da casa, a Karol passou por uma mudança de visual. Ela teve alguma coisa a ver com uma gestão de imagem?

8 ANEXO A

Karol Conká lança Vem K, série audiovisual de conteúdo próprio cuja 1ª temporada abordará o tema saúde mental.

Projeto idealizado e produzido pela empresa SUBA conta com 6 episódios nos quais Karol entrevista profissionais dedicados à saúde mental e estreia no IGTV da artista hoje, dia 15 de junho.

15 de junho de 2021- Tema transversal à sociedade, e que ganhou evidência no debate público em função da pandemia – o cuidado com a saúde mental será tema da 1ª temporada de Vem K – 1ª série audiovisual de conteúdo proprietário de Karol Conká, que estreia em seu IGTV hoje, dia 15 de junho. A produção terá 6 episódios de 10 minutos cada, que irão ao ar todas as terças-feiras, às 18hs, até o dia 20 de julho.

Idealizada e produzida pela SUBA, empresa de conteúdo com foco em influência, e responsável desde 2017 pelos projetos não-musicais da artista, o Vem K será uma plataforma através da qual Karol tratará de maneira descontraída sobre assuntos relevantes, sempre aliando abordagem acessível e direta a qualidade estética e rigorosa curadoria. “Quando cuidamos de uma marca pessoal, nos preocupamos em como essa potência se relaciona com temas da cultura contemporânea. No caso da Karol, além de querermos transcender sua faceta musical, explorando sua dimensão comunicadora; buscamos entender como sua passagem pelo BBB – que a conscientizou sobre a importância do cuidado psíquico – poderia ampliar de forma genuína sua plataforma de expressão e alcançar de maneira qualificada a audiência”, explica Fabiana Bruno, fundadora e CEO da SUBA.

“Sempre tratei de temas tabus na minha carreira, seja através das letras que componho, seja nos projetos editoriais aos quais me associo, e não poderia deixar de ser assim no meu primeiro projeto de conteúdo 100% próprio. O tema também não poderia ser outro, já que estou vivendo intensa e profundamente esse processo de entendimento das minhas feridas psíquicas, e o quão importante é cuidarmos de nossa saúde mental. Essa tomada de consciência é tão transformadora que seria até egoísmo meu não dividir isso com as pessoas, e ajuda-las a ver que, diferente de mim, não é preciso que elas cheguem a situações limite para resolverem se cuidar”, pondera Karol Conká.

A primeira temporada do Vem K tratará do conceito de saúde mental, quais são as abordagens disponíveis, aspectos relacionados a acolhimento, ansiedade, os efeitos da pandemia, e relações raciais e saúde mental. Com consultoria técnica de Leonardo Goldberg, Vem K conta com a participação de 9 renomados profissionais das áreas de psicanálise e

psiquiatria, dos quais são 6 negros. “Buscamos profissionais que, além de sólida formação técnica e aptidão para comunicação, pudessem endereçar a dimensão racial de uma perspectiva muito concreta, uma vez que sabemos que esse marcador social impacta fortemente a experiência de vida das pessoas no nosso país, em especial a vivência da mulher negra”, agrega Fabiana.

Abaixo, a relação de temas e profissionais presentes em cada episódio:

Episódio 1 – Saúde Mental, com a psicanalista Maria Homem.

Episódio 2 – Diferentes abordagens – Psicanálise, com Héder Bello; Fenomenologia, com Renan Carletti; Psicologia Junguiana, com Bruno Mota; e terapia cognitivo-comportamental, com Carolina Bernardo.

Episódio 3 – Acolhimento, com Bárbara Cristina

Episódio 4 – Ansiedade, com Fabiana Villas Boas

Episódio 5 – Pandemia, com Paulo Bueno

Episódio 6 – Relações Raciais e Saúde Mental, com Kwame

Sobre a SUBA:

Empresa de conteúdo com foco em influência. Com expertise em gestão de marca pessoal e institucional, a SUBA se diferencia no mercado brasileiro por possuir uma metodologia única para renovar o propósito e a exposição de seus clientes. Liderada por Fabiana Bruno, publicitária com 28 anos de experiência, a SUBA possui em seu portfólio cases emblemáticos como o das personalidades Maya Gabeira, Daniel Alves, Fernanda Gentil, Fernando Fernandes, Fabrício Carpinejar, Karol Conká, Márcio Garcia, e Marco Luque.

